

# Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho, testemunha de esperança

*Uma mulher de fé inabalável, de lágrimas fecundas, atendida por Deus após dezessete longos anos. Um modelo de cristã, esposa e mãe para toda a Igreja. Uma testemunha de esperança que se transformou em poderosa intercessora no Céu. O próprio Dom Bosco recomendava às mães, aflitas pela vida pouco cristã de seus filhos, que se encomendassem a ela nas orações.*

Na grande galeria dos santos e santas que marcaram a história da Igreja, Santa Mônica (331-387) ocupa um lugar singular. Não por milagres espetaculares, não pela fundação de comunidades religiosas, nem por feitos sociais ou políticos de destaque. Mônica é lembrada e venerada sobretudo como mãe, a mãe de Agostinho, o jovem inquieto que, graças às suas orações, às suas lágrimas e ao seu testemunho de fé, tornou-se um dos maiores Padres da Igreja e Doutores da fé católica.

Mas limitar sua figura ao papel materno seria injusto e redutor. Mônica foi uma mulher que soube viver sua vida ordinária – esposa, mãe, crente – de forma extraordinária, transfigurando o cotidiano pela força da fé. É um exemplo de perseverança na oração, de paciência no casamento, de esperança inabalável diante dos desvios do filho.

As informações sobre sua vida chegam até nós quase exclusivamente pelas *Confissões* de Agostinho, um texto que não é uma crônica, mas uma leitura teológica e espiritual da existência. Ainda assim, nessas páginas Agostinho traça um retrato inesquecível da mãe: não apenas uma mulher boa e piedosa, mas um autêntico modelo de fé cristã, uma “mãe das lágrimas” que se tornam fonte de graça.

## **As origens em Tagaste**

Mônica nasceu em 331 em Tagaste, cidade da Numídia, [Souk](#)

[Ahras](#) na atual Argélia. Era um centro vibrante, marcado pela presença romana e por uma comunidade cristã já enraizada. Proveniente de uma família cristã abastada: a fé já fazia parte de seu horizonte cultural e espiritual.

Sua formação foi marcada pela influência de uma ama austera, que a educou na sobriedade e na temperança. Santo Agostinho escreverá sobre ela: *“Não falarei, portanto, de seus dons, mas dos teus dons a ela, que não se fez sozinha, nem foi educada sozinha. Tu a criaste sem que nem o pai nem a mãe soubessem que filha teriam; e a ensinaste no teu temor com a vara do teu Cristo, ou seja, a disciplina do teu Unigênito, numa casa de crentes, membro saudável da tua Igreja.”* (Confissões IX, 8, 17).

Nas mesmas *Confissões*, Agostinho também relata um episódio significativo: a jovem Mônica havia adquirido o hábito de beber pequenos goles de vinho da adega, até que uma serva a repreendeu chamando-a de “bêbada”. Essa repreensão foi suficiente para que ela se corrigisse definitivamente. Essa historieta, aparentemente sem importância, mostra sua honestidade em reconhecer seus pecados, em deixar-se corrigir e em crescer em virtude.

Aos 23 anos, Mônica foi dada em casamento a Patrício, um funcionário municipal pagão, conhecido por seu temperamento colérico e sua infidelidade conjugal. A vida matrimonial não foi fácil: a convivência com um homem impulsivo e distante da fé cristã colocou à prova sua paciência.

No entanto, Mônica nunca caiu em desânimo. Com uma atitude de mansidão e respeito, soube conquistar progressivamente o coração do marido. Não respondia com dureza às explosões de raiva, não alimentava conflitos inúteis. Com o tempo, sua constância deu frutos: Patrício se converteu e recebeu o batismo pouco antes de morrer.

O testemunho de Mônica mostra como a santidade não se expressa necessariamente em gestos grandiosos, mas na fidelidade cotidiana, no amor que sabe transformar lentamente as

situações difíceis. Nesse sentido, é um modelo para muitas esposas e mães que vivem casamentos marcados por tensões ou diferenças de fé.

### **Mônica mãe**

Do casamento nasceram três filhos: Agostinho, Navígio e uma filha cujo nome desconhecemos. Mônica derramou sobre eles todo seu amor, mas sobretudo sua fé. Navígio e a filha seguiram um caminho cristão linear: Navígio tornou-se sacerdote; a filha seguiu o caminho da virgindade consagrada. Agostinho, por sua vez, tornou-se logo o centro de suas preocupações e lágrimas. Desde garoto, Agostinho mostrava uma inteligência extraordinária. Mônica o enviou para estudar retórica em [Cartago](#), desejosa de garantir-lhe um futuro brilhante. Mas junto com os progressos intelectuais vieram também as tentações: sensualidade, mundanismo, más companhias. Agostinho abraçou a doutrina maniqueísta, convencido de encontrar nela respostas racionais para o problema do mal. Além disso, começou a conviver sem casar com uma mulher, da qual teve um filho, Adeodato. Os desvios do filho levaram Mônica a negar-lhe acolhida em sua casa. Mas não por isso deixou de orar por ele e de oferecer sacrifícios: *“do coração sangrante de minha mãe te era oferecido por mim noite e dia o sacrifício de suas lágrimas”*. (Confissões V, 7,13) e *“derramava mais lágrimas do que jamais derramam as mães pela morte física dos filhos”* (Confissões III, 11,19).

Para Mônica foi uma ferida profunda: o filho, que ela havia consagrado a Cristo no ventre, estava se perdendo. A dor era indescritível, mas ela nunca deixou de esperar. O próprio Agostinho escreverá: *“O coração de minha mãe, atingido por tal ferida, nunca mais sararia: porque não sei expressar adequadamente seus sentimentos por mim e quão maior foi seu trabalho ao me dar à luz em espírito do que aquele com que me deu à luz na carne.”* (Confissões V, 9,16).

Surge espontânea a pergunta: por que Mônica não batizou Agostinho logo após o nascimento?

Na verdade, embora o batismo infantil já fosse conhecido e praticado, ainda não era uma prática universal. Muitos pais preferiam adiá-lo para a idade adulta, considerando-o um “banho definitivo”: temiam que, se o batizado pecasse gravemente, a salvação estaria comprometida. Além disso, Patrício, ainda pagão, não tinha interesse em educar o filho na fé cristã.

Hoje vemos claramente que foi uma escolha infeliz, pois o batismo não só nos torna filhos de Deus, mas nos dá a graça de vencer as tentações e o pecado.

Uma coisa, porém, é certa: se ele tivesse sido batizado quando criança, Mônica teria poupado a si mesma e ao filho muitos sofrimentos.

A imagem mais forte de Mônica é a de uma mãe que ora e chora. As *Confissões* a descrevem como uma mulher incansável em interceder junto a Deus pelo filho.

Um dia, um bispo de Tagaste – segundo alguns, o próprio Ambrósio – a tranquilizou com palavras que ficaram célebres: “*Vai, não pode se perder o filho de tantas lágrimas*”. Essa frase tornou-se a estrela guia de Mônica, a confirmação de que sua dor materna não era em vão, mas parte de um misterioso desígnio de graça.

### **Tenacidade de uma mãe**

A vida de Mônica foi também uma peregrinação nos passos de Agostinho. Quando o filho decidiu partir às escondidas para Roma, Mônica não poupou esforços; não deu a causa como perdida, mas o seguiu e o procurou até encontrá-lo. Ela o alcançou em Milão, onde Agostinho havia conseguido uma cátedra de retórica. Ali encontrou um guia espiritual em Santo Ambrósio, bispo da cidade. Entre Mônica e Ambrósio nasceu uma profunda sintonia: ela reconhecia nele o pastor capaz de guiar o filho, enquanto Ambrósio admirava sua fé inabalável.

Em Milão, a pregação de Ambrósio abriu novas perspectivas para Agostinho. Ele abandonou progressivamente o maniqueísmo e começou a olhar para o cristianismo com novos olhos. Mônica

acompanhava silenciosamente esse processo: não forçava os tempos, não exigia conversões imediatas, mas orava, apoiava e permanecia ao lado dele até sua conversão.

### **A conversão de Agostinho**

Parecia que Deus não a ouvia, mas Mônica nunca deixou de orar e oferecer sacrifícios pelo filho. Após dezessete anos, finalmente suas súplicas foram atendidas – e como! Agostinho não só se tornou cristão, mas também sacerdote, bispo, doutor e padre da Igreja.

Ele mesmo reconhece: *“Tu, porém, na profundidade dos teus desígnios, atendeste ao ponto vital do seu desejo, sem te importares com o objeto momentâneo de seu pedido, mas cuidando de fazer de mim aquilo que sempre te pedia que fizesse.”* (Confissões V, 8,15).

O momento decisivo chegou em 386. Agostinho, atormentado interiormente, lutava contra as paixões e resistências de sua vontade. No célebre episódio do jardim de Milão, ao ouvir a voz de uma criança dizendo *“Tolle, lege”* (“Toma, lê”), abriu a Carta aos Romanos e leu as palavras que mudaram sua vida: *“Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não atendais aos desejos e paixões da vida carnal”* (Rm 13,14).

Foi o início de sua conversão. Junto com o filho Adeodato e alguns amigos, retirou-se para Cassiciaco para se preparar para o batismo. Mônica estava com eles, participando da alegria de ver finalmente atendidas as orações de tantos anos. Na noite de Páscoa de 387, na catedral de Milão, Ambrósio batizou Agostinho, Adeodato e os outros catecúmenos. As lágrimas de dor de Mônica se transformaram em lágrimas de alegria. Continuou a servi-los, tanto que em Cassiciaco Agostinho dirá: *“Cuidou como se fosse mãe de todos e nos serviu como se fosse filha de todos.”*

### **Óstia: o êxtase e a morte**

Após o batismo, Mônica e Agostinho se prepararam para voltar à África. Parando em [Óstia](#), aguardando o navio, viveram um momento de intensa espiritualidade. As *Confissões* narram o

êxtase de Óstia: mãe e filho, à janela, contemplaram juntos a beleza da criação e se elevaram a Deus, antecipando a bem-aventurança do céu.

Mônica dirá: *“Filho, quanto a mim não encontro mais nenhum atrativo nesta vida. Não sei por que ainda estou aqui e o que faço aqui. Este mundo não é mais objeto de desejos para mim. Havia apenas um motivo para querer ficar um pouco mais nesta vida: ver-te cristão católico antes de morrer. Deus me atendeu além de toda minha expectativa, concedeu-me ver-te a seu serviço e liberto das aspirações de felicidade terrena. Para que estou aqui?”* (Confissões IX, 10,11). Ela havia alcançado seu objetivo terreno.

Alguns dias depois, Mônica adoeceu gravemente. Sentindo a proximidade da morte, disse aos filhos: *“Meus filhos, sepultem aqui sua mãe: não se preocupem com o lugar. Só lhes peço uma coisa: lembrem-se de mim no altar do Senhor, onde quer que estejam”*. Essa foi a síntese de sua vida: não importava o local do sepultamento, mas o vínculo na oração e na Eucaristia.

Morreu aos 56 anos, em 12 de novembro de 387, e foi sepultada em Óstia. No século VI, suas relíquias foram transferidas para uma cripta escondida na mesma [igreja de Santa Áurea](#). Em 1425, as relíquias foram transladas para Roma, na [basílica de Santo Agostinho no Campo de Márcio](#), onde ainda hoje são veneradas.

### **O perfil espiritual de Mônica**

Agostinho descreve sua mãe com palavras bem medidas:

*“[...] feminina na aparência, viril na fé, vigilante na serenidade, maternal no amor, cristã na piedade [...]”*. (Confissões IX, 4,8).

E ainda:

*“[...] viúva casta e sóbria, assídua na esmola, devota e submissa aos teus santos; que não deixava passar um dia sem levar a oferta ao teu altar, que duas vezes ao dia, de manhã e à noite, sem falta visitava tua igreja, e não para conversar inutilmente e tagarelar como as outras velhas, mas para ouvir tuas palavras e fazer ouvir suas orações. As lágrimas de tal*

*mulher, que com elas te pedia não ouro nem prata, nem bens volúveis ou instáveis, mas a salvação da alma de seu filho, tu poderias desprezá-las, tu que assim a fizeste com tua graça, recusando-lhe teu socorro? Certamente não, Senhor. Tu, ao contrário, estavas ao lado dela e a atendias, operando segundo a ordem com que predestinaste que devesse operar.”* (Confissões V, 9,17).

Desse testemunho agostiniano, emerge uma figura de surpreendente atualidade.

Foi uma mulher de oração: nunca deixou de invocar a Deus pela salvação de seus entes queridos. Suas lágrimas tornam-se modelo de intercessão perseverante.

Foi uma esposa fiel: em um casamento difícil, nunca respondeu com ressentimento à dureza do marido. Sua paciência e mansidão foram instrumentos de evangelização.

Foi uma mãe corajosa: não abandonou o filho em seus desvios, mas o acompanhou com amor tenaz, capaz de confiar nos tempos de Deus.

Foi uma testemunha de esperança: sua vida mostra que nenhuma situação é desesperadora, se vivida na fé.

A mensagem de Mônica não pertence apenas ao século IV. Fala ainda hoje, em um contexto em que muitas famílias vivem tensões: filhos se afastam da fé, pais experimentam a dificuldade da espera.

Ensina aos pais a não desistir, a crer que a graça opera de maneiras misteriosas.

Mostra às mulheres cristãs como a mansidão e a fidelidade podem transformar relações difíceis.

A quem se sinta desanimado na oração, testemunha que Deus escuta, mesmo que os tempos não coincidam com os nossos.

Não é por acaso que muitas associações e movimentos escolheram Mônica como padroeira das mães cristãs e das mulheres que rezam pelos filhos afastados da fé.

### **Uma mulher simples e extraordinária**

A vida de Santa Mônica é a história de uma mulher simples e

extraordinária ao mesmo tempo. Simples porque vivida no cotidiano de uma família; extraordinária porque transfigurada pela fé. Suas lágrimas e suas orações moldaram um santo e, através dele, marcaram profundamente a história da Igreja.

Sua memória, celebrada em 27 de agosto, na véspera da festa de Santo Agostinho, nos lembra que a santidade muitas vezes passa pela perseverança oculta, pelo sacrifício silencioso, pela esperança que não decepciona.

Nas palavras de Agostinho, dirigidas a Deus pela mãe, encontramos a síntese de sua herança espiritual: *“Não posso dizer o quanto minha alma lhe é devedora, meu Deus; mas tu sabes tudo. Recompensa-a com tua misericórdia pelo que te pediu com tantas lágrimas por mim”* (Conf., IX, 13).

Santa Mônica, através dos acontecimentos de sua vida, alcançou a felicidade eterna que ela mesma definiu: *“A felicidade consiste, sem dúvida, em alcançar o fim e devemos confiar que podemos ser conduzidos a ele por uma fé firme, por uma viva esperança, por uma ardente caridade”*. (A Felicidade 4,35).

---

## **Profetas do perdão e da gratuidade**

Nestes tempos, em que as notícias, dia após dia, nos comunicam experiências de conflito, guerra e ódio, quão grande é o risco de nós, como crentes, acabarmos envolvidos numa leitura dos acontecimentos que se reduz apenas ao nível político ou nos limitamos a tomar partido por um lado ou outro com argumentos que têm a ver com a nossa maneira de ver as coisas, com a nossa forma de interpretar a realidade.

No discurso de Jesus que segue as bem-aventuranças, há uma

série de “pequenas/grandes lições” que o Senhor oferece. Sempre começam com o versículo “você ouviram que foi dito”. Em uma delas, o Senhor recorda o antigo ditado “olho por olho e dente por dente” (Mt 5,38).

Fora da lógica do Evangelho, essa lei não só não é contestada, como pode ser tomada como uma regra que expressa a forma de acertar as contas com aqueles que nos ofenderam. Obter vingança é percebido como um direito, chegando até a ser um dever.

Jesus se apresenta diante dessa lógica com uma proposta completamente diferente, totalmente oposta. Ao que ouvimos, Jesus nos diz: “Mas eu lhes digo” (Mt 5,39). E aqui, como cristãos, devemos ter muito cuidado. As palavras de Jesus que seguem são importantes não apenas por si mesmas, mas porque expressam de forma muito sintética toda a sua mensagem. Jesus não veio para nos dizer que há outra maneira de interpretar a realidade. Jesus não se aproxima de nós para ampliar o espectro das opiniões sobre as realidades terrenas, especialmente aquelas que tocam a nossa vida. Jesus não é uma opinião a mais, mas ele próprio encarna a proposta alternativa à lei da vingança.

A frase “mas eu lhes digo” é de fundamental importância porque agora não é mais a palavra pronunciada, mas a própria pessoa de Jesus. O que Jesus nos comunica, ele vive. Quando Jesus diz “não resistam ao perverso; pelo contrário, se alguém lhe der um tapa na face direita, ofereça também a outra” (Mt 5,39), essas mesmas palavras ele viveu em primeira pessoa. Certamente não podemos dizer que Jesus prega bem, mas faz mal com sua mensagem.

Voltando aos nossos tempos, essas palavras de Jesus correm o risco de ser percebidas como as palavras de uma pessoa fraca, reações de quem não é mais capaz de reagir, mas apenas de sofrer. E, de fato, quando olhamos para Jesus que se entrega completamente no madeiro da Cruz, essa é a impressão que podemos ter. No entanto, sabemos muito bem que o sacrifício na cruz é fruto de uma vivência que parte da frase “mas eu lhes digo”. Porque tudo o que Jesus nos disse, ele acabou por

assumir plenamente. E, assumindo plenamente, conseguiu passar da cruz à vitória. A lógica de Jesus aparentemente comunica uma personalidade derrotada. Mas sabemos muito bem que a mensagem que Jesus nos deixou, e que ele viveu plenamente, é o remédio de que este mundo hoje realmente precisa.

Ser profetas do perdão significa assumir o bem como resposta ao mal. Significa ter a determinação de que o poder do maligno não condicionará a minha forma de ver e interpretar a realidade. O perdão não é a resposta do fraco. O perdão é o sinal mais eloquente daquela liberdade capaz de reconhecer as feridas que o mal deixa para trás, mas que essas mesmas feridas jamais serão um barril de pólvora que fomenta a vingança e o ódio.

Reagir ao mal com o mal só faz ampliar e aprofundar as feridas da humanidade. A paz e a concórdia não crescem no terreno do ódio e da vingança.

Ser profetas da gratuidade exige de nós a capacidade de olhar para o pobre e para o necessitado não com a lógica do lucro, mas com a lógica da caridade. O pobre não escolhe ser pobre, mas quem está bem tem a possibilidade de escolher ser generoso, bom e cheio de compaixão. Quão diferente seria o mundo se nossos líderes políticos, neste cenário onde crescem os conflitos e as guerras, tivessem a sensatez de olhar para aqueles que pagam o preço dessas divisões, que são os pobres, os marginalizados, aqueles que não podem fugir porque não conseguem.

Se partirmos de uma leitura puramente horizontal, há motivo para desespero. Não nos resta outra coisa senão ficar presos às nossas murmurações e críticas. E, no entanto, não! Nós somos educadores dos jovens. Sabemos bem que esses jovens, neste nosso mundo, estão buscando pontos de referência de uma humanidade saudável, de líderes políticos capazes de interpretar a realidade com critérios de justiça e paz. Mas quando nossos jovens olham ao redor, sabemos bem que percebem apenas o vazio de uma visão pobre da vida.

Nós, que estamos comprometidos com a educação dos jovens, temos uma grande responsabilidade. Não basta comentar a escuridão que deixa uma quase completa ausência de liderança. Não basta comentar que não há propostas capazes de inflamar a memória dos jovens. Cabe a cada um e a cada uma de nós acender essa vela de esperança nesta escuridão, oferecer exemplos de humanidade bem-sucedida no cotidiano.

Realmente vale a pena hoje ser profetas do perdão e da gratuidade.

---

## **A educação da consciência com São Francisco de Sales**

Provavelmente foi o advento da Reforma protestante que colocou na ordem do dia o problema da consciência e, mais precisamente, da «liberdade de consciência». Em uma carta de 1597 a Clemente VIII, o decano de Sales deplorava a «tirania» que o «estado de Genebra» impunha «sobre as consciências dos católicos». Pedia à Santa Sé que interviesse junto ao rei da França para obter que os genebrinos concedessem «o que chamam liberdade de consciência». Contrário a soluções militares para a crise protestante, ele vislumbrava na *libertas conscientiae* uma possível saída para o confronto violento, desde que a reciprocidade fosse respeitada. Reivindicada por Genebra em favor da Reforma, e por Francisco de Sales em benefício do catolicismo, a liberdade de consciência estava prestes a se tornar um dos pilares da mentalidade moderna.

Dignidade da pessoa humana

A dignidade do indivíduo reside na consciência, e a consciência é, antes de tudo, sinônimo de sinceridade, honestidade, franqueza, convicção. O decano de Sales

reconhecia, por exemplo, «para aliviar sua consciência», que o projeto das Controvérsias lhe fora de certa forma imposto por outros. Quando apresentava suas razões a favor da doutrina e da prática católica, preocupava-se em precisar que o fazia «de consciência». «Digam-me de consciência», perguntava aos seus contraditores. A «boa consciência», de fato, faz com que alguém evite certos atos que o colocam em contradição consigo mesmo.

No entanto, a consciência subjetiva individual não pode ser sempre tomada como garantia da verdade objetiva. Não se está sempre obrigado a acreditar no que alguém diz de consciência. «Mostrem-me claramente – diz o decano aos senhores de Thonon – que não mentem de forma alguma, que realmente não me enganam, quando me dizem que de consciência tiveram esta ou aquela inspiração». A consciência pode ser vítima da ilusão, de forma voluntária ou mesmo involuntária. «Os avarentos inveterados não só não confessam sê-lo, como também não pensam de consciência que o sejam».

A formação da consciência é uma tarefa essencial, porque a liberdade de consciência implica o risco de «fazer o bem e o mal», mas «escolher o mal não é usar, mas abusar da nossa liberdade». É uma tarefa difícil, porque a consciência às vezes nos aparece como um adversário que «combate sempre contra nós e por nós»: ela «opõe resistência constante às nossas más inclinações», mas o faz «para nossa salvação». Quando alguém peca, «o remorso interior se move contra sua consciência com a espada em punho», mas o faz para «transpassá-la com um santo temor».

Um meio para exercer uma liberdade responsável é a prática do «exame de consciência». Fazer o exame de consciência é como seguir o exemplo das pombas que se olham «com olhos límpidos e puros», «se limpam com cuidado e se adornam o melhor que podem». Filoteia é convidada a fazer esse exame todas as noites, antes de ir dormir, perguntando-se «como se comportou nas várias horas do dia; para facilitar, pensará onde, com quem e em quais ocupações se dedicou».

Uma vez por ano devemos fazer um exame aprofundado do «estado

da nossa alma» diante de Deus, do próximo e de nós mesmos, sem esquecer um «exame dos afetos da nossa alma». O exame – diz Francisco de Sales às visitandinas – levará vocês a sondar «a fundo a sua consciência».

Como aliviar a consciência quando alguém a sente carregada de um erro ou de uma falha? Alguns o fazem de forma errada, julgando e acusando os outros «de vícios dos quais são vítimas», pensando assim em «adoçar os remorsos da sua consciência». Dessa forma, multiplica-se o risco de fazer julgamentos temerários. Pelo contrário, «aqueles que cuidam corretamente da sua consciência não estão sujeitos a julgamentos temerários». Convém considerar à parte o caso dos pais, educadores e responsáveis pelo bem público, porque «uma boa parte da sua consciência consiste em vigiar atentamente a consciência dos outros».

O respeito por si mesmo

Da afirmação da dignidade e da responsabilidade de cada um deve nascer o respeito por si mesmo. Já Sócrates e toda a antiguidade pagã e cristã haviam mostrado o caminho:

É uma afirmação dos filósofos, que porém foi considerada válida pelos doutores cristãos: «Conhece-te a ti mesmo», ou seja, conhece a excelência da tua alma para não a rebaixar e desprezar.

Alguns de nossos atos constituem não apenas uma ofensa a Deus, mas também uma ofensa à dignidade da pessoa humana e à razão. Suas consequências são deploráveis:

A semelhança e imagem de Deus, que carregamos em nós, é manchada e desfigurada, a dignidade do nosso espírito desonrada, e somos tornados semelhantes aos animais irracionais [...], tornando-nos escravos das nossas paixões e invertendo a ordem da razão.

Há êxtases e arrebatamentos que nos elevam acima da nossa condição natural e outros que nos rebaixam: «Ó homens, até

quando sereis tão insensatos – escreve o autor do Teótimo – a ponto de querer pisotear a vossa dignidade natural, descendo voluntariamente e precipitando-vos na condição dos animais?».

O respeito por si mesmo permitirá evitar dois perigos opostos: o orgulho e o desprezo pelos dons que se tem. Em um século em que o senso de honra era exaltado ao máximo, Francisco de Sales teve que intervir para denunciar delitos, em particular no problema do duelo, que lhe fazia «arrepiar os cabelos da cabeça», e ainda mais o orgulho insensato que era a causa. «Estou escandalizado» – escrevia à esposa de um marido duelista –; «na verdade, não consigo entender como se pode ter uma coragem tão desregrada mesmo por bagatelas e coisas sem importância». Lutando em duelo é como se «se tornassem um o carrasco do outro».

Outros, ao contrário, não ousam reconhecer os dons recebidos e pecam assim contra o dever da gratidão. Francisco de Sales denuncia «certa falsa e tola humildade que impede descobrir o bem que há neles». Estão errados, porque «os bens que Deus colocou em nós devem ser reconhecidos, estimados e honrados sinceramente».

O primeiro próximo que devo respeitar e amar, parece querer dizer o bispo de Genebra, é o próprio eu. O verdadeiro amor por mim mesmo e o respeito devido exigem que eu tenda à perfeição e que me corrija, se necessário, mas docemente, razoavelmente e «seguindo o caminho da compaixão» em vez do da ira e da fúria.

Existe, de fato, um amor por si mesmo não apenas legítimo, mas também benéfico e mandado: «A caridade bem ordenada começa por si mesmo» – diz o provérbio – e reflete bem o pensamento de Francisco de Sales, mas desde que não se confunda o amor por si mesmo com o amor-próprio. O amor por si mesmo é bom, e Filoteia é convidada a interrogar-se sobre a maneira como ama a si mesma:

Mantém uma boa ordem no amor por si mesma? Porque só o amor desordenado por nós mesmos pode nos levar à ruína. Ora, o amor ordenado quer que amemos a alma mais do que o corpo, que

busquemos adquirir as virtudes mais do que qualquer outra coisa.

Ao contrário, o amor-próprio é um amor egoísta, «narcisista», cheio de si mesmo, ciumento da própria beleza e unicamente preocupado com o próprio interesse: «Narciso – dizem os profanos – era um jovem tão arrogante que não queria oferecer seu amor a ninguém; e, finalmente, contemplando-se em uma fonte límpida, foi totalmente arrebatado por sua beleza».

O «respeito devido às pessoas»

Se se respeita a si mesmo, a gente estará mais preparado e disposto a respeitar os outros. O fato de ser «a imagem e semelhança de Deus» tem como corolário a afirmação segundo a qual «todos os seres humanos gozam da mesma dignidade». Francisco de Sales, embora vivendo em uma sociedade marcada pelo antigo regime, fortemente desigual, promoveu um pensamento e uma prática caracterizados pelo «respeito devido às pessoas».

É preciso começar pelas crianças. A mãe de São Bernardo – diz o autor da Filoteia – amava seus filhos recém-nascidos «com respeito como uma coisa sagrada que Deus lhe confiara». Uma repreensão muito grave dirigida pelo bispo de Genebra aos pagãos dizia respeito ao seu desprezo pela vida de seres indefesos. O respeito pela criança que está para nascer emerge neste trecho de uma carta, redigida segundo a retórica barroca da época, dirigida por Francisco de Sales a uma mulher grávida. Ele a encoraja explicando que a criança que está se formando em suas entranhas não é apenas «uma imagem viva da divina Majestade», mas também a imagem de sua mãe. Recomenda a outra mulher:

Ofereça frequentemente à glória eterna do seu Criador a criaturinha cuja formação Ele quis que você assumisse como sua cooperadora.

Outro aspecto do respeito devido aos outros diz respeito ao tema da liberdade. A descoberta de novas terras teve, como

consequência nefasta, o ressurgimento da escravidão, que remetia às práticas dos antigos romanos na época do paganismo. A venda de seres humanos os rebaixava ao nível dos animais:

Um dia, Marco Antônio comprou de um mercador dois jovens; então, como ainda acontece hoje em algumas regiões, vendiam-se crianças; havia homens que as conseguiam e depois as traficavam como se faz com cavalos em nossos países.

O respeito pelos outros é continuamente ameaçado de forma mais sutil pela maledicência e pela calúnia. Francisco de Sales insiste bastante nos «pecados da língua». Um capítulo da Filoteia que trata explicitamente desse assunto intitula-se A honestidade nas palavras e o respeito que se deve às pessoas. Arruinar a reputação de alguém é cometer um «assassinato espiritual»; é privar «a vida civil» daquele de quem se fala mal. Assim também, «ao censurar o vício», esforçar-se-á para poupar o máximo possível «a pessoa implicada nele».

Certas categorias de pessoas são facilmente denegridas ou desprezadas. Francisco de Sales defende a dignidade do povo baseando-se no Evangelho: «São Pedro – comenta – era um homem rude, grosseiro, um velho pescador, um trabalhador de baixa condição; São João, ao contrário, era um cavalheiro, doce, amável, sábio; São Pedro, porém, ignorante». Ora, foi São Pedro quem foi escolhido para guiar os outros e para ser o «superior universal».

Ele proclama a dignidade dos doentes, dizendo que «as almas que estão na cruz são declaradas rainhas». Denunciando a «crueldade para com os pobres» e exaltando a «dignidade dos pobres», justifica e esclarece a atitude que se deve ter para com eles, explicando «como devemos honrá-los e, portanto, visitá-los como representantes de Nosso Senhor». Ninguém é inútil, ninguém é insignificante: «Não há no mundo objeto que não possa ser útil para alguma coisa; mas é preciso saber encontrar seu uso e lugar».

O «um-diferente» salesiano

O problema que sempre atormentou as sociedades humanas é o de

conciliar entre si a dignidade e a liberdade de cada indivíduo com as dos outros. Recebeu de Francisco de Sales um esclarecimento original, graças à invenção de uma nova palavra. De fato, admitindo que o universo é formado por «todas as coisas criadas, visíveis e invisíveis» e que «a sua diversidade é reconduzida à unidade», o bispo de Genebra propôs chamá-lo de «um-diferente», ou seja, «único e diferente, único com diversidade e diferente com unidade».

Para ele, todo ser é único. As pessoas são como as pérolas de que fala Plínio: «são tão únicas, cada uma em sua qualidade, que nunca se encontram duas perfeitamente iguais». É significativo que suas duas principais obras, Introdução à vida devota e Tratado do amor de Deus, sejam dirigidas a uma pessoa singular, Filoteia e Teótimo. Que variedade e diversidade entre os seres! «Sem dúvida, como vemos que nunca se encontram dois homens perfeitamente iguais quanto aos dons da natureza, assim nunca se encontram perfeitamente iguais quanto aos dons sobrenaturais». A variedade o encantava também do ponto de vista puramente estético, mas temia uma curiosidade indiscreta sobre suas causas:

Se alguém se perguntasse por que Deus fez as melancias maiores que os morangos, ou os lírios maiores que as violetas; por que o alecrim não é uma rosa ou por que o cravo não é uma calêndula; por que o pavão é mais belo que um morcego, ou por que o figo é doce e o limão azedo, ririam de suas perguntas e diriam: pobre homem, como a beleza do mundo exige variedade, é necessário que nas coisas haja perfeições diferentes e diferenciadas e que uma não seja a outra; por isso umas são pequenas, outras grandes, umas ácidas, outras doces, umas mais belas, outras menos. [...] Todas têm seu mérito, sua graça, seu esplendor, e todas, vistas no conjunto de suas variedades, constituem um maravilhoso espetáculo de beleza.

A diversidade não impede a unidade; pelo contrário, a torna ainda mais rica e bela. Cada flor tem suas características, que a distinguem de todas as outras: «Não é próprio das rosas

serem brancas, me parece, porque as vermelhas são mais belas e têm um perfume melhor, o qual, porém, é próprio do lírio». Certamente, Francisco de Sales não suporta confusão e desordem, mas é igualmente inimigo da uniformidade. A diversidade dos seres pode levar à dispersão e à ruptura da comunhão, mas se há amor, «vínculo da perfeição», nada está perdido; pelo contrário, a diversidade é exaltada pela união. Em Francisco de Sales há certamente uma cultura real do indivíduo, mas esta nunca é um fechamento ao grupo, à comunidade ou à sociedade. Ele vê espontaneamente o indivíduo inserido em um contexto ou «estado» de vida, que marca fortemente a identidade e a pertença de cada um. Não será possível estabelecer um programa ou projeto igual para todos, pelo simples fato de que será aplicado e realizado de maneira diferente «para o cavalheiro, para o artesão, para o criado, para o príncipe, para a viúva, para a jovem, para a casada»; é preciso ainda adaptá-lo «às forças e aos deveres de cada um em particular». O bispo de Genebra vê a sociedade dividida em espaços vitais caracterizados pela pertença social e solidariedade de grupo, como quando trata «da companhia de soldados, da oficina dos artesãos, da corte dos príncipes, da família de pessoas casadas».

O amor personaliza e, portanto, individualiza. O afeto que liga uma pessoa a outra é único, como demonstra Francisco de Sales em sua relação com a senhora de Chantal: «Cada afeto tem sua peculiaridade que o diferencia dos outros; o que sinto por você possui certa particularidade que me consola infinitamente e, para dizer tudo, para mim é sobremaneira frutífero». O sol ilumina todos e cada um: «iluminando um canto da terra, não o ilumina menos do que faria se não brilhasse em outro lugar, mas somente naquele canto».

O ser humano está em transformação

Humanista cristão, Francisco de Sales acredita finalmente na possibilidade que a pessoa humana tem de se aperfeiçoar. Erasmo havia forjado a fórmula: *Homines non nascuntur sed finguntur* [Os homens não nascem prontos, mas precisam se

fazer]. Enquanto o animal é um ser predeterminado, guiado pelo instinto, o homem, ao contrário, está em perpétua evolução. Não só muda, mas pode mudar a si mesmo, tanto para melhor quanto para pior.

O que preocupava inteiramente o autor do Teótimo era aperfeiçoar a si mesmo e ajudar os outros a se aperfeiçoarem, e não apenas no âmbito religioso, mas em tudo. Do nascimento à sepultura, o homem está em situação de aprendiz. Imitemos o crocodilo que «nunca deixa de crescer enquanto vive». De fato, «permanecer no mesmo estado por muito tempo não é possível: quem não avança, retrocede neste trânsito; quem não sobe, desce nesta escada; quem não vence é vencido nesta luta». Ele cita São Bernardo que dizia: «Está escrito de modo particular para o homem que nunca estará no mesmo estado: é preciso que avance ou retroceda». Vamos em frente:

Não sabes que estás em caminho e que o caminho não é feito para sentar, mas para avançar? E é tão feito para avançar que mover-se para frente se chama caminhar.

Isso significa também que a pessoa humana é educável, capaz de aprender, de se corrigir e de melhorar. E isso é verdade em todos os níveis. A idade às vezes não tem nada a ver. Olhem para esses meninos cantores da catedral, que superam em muito as capacidades do seu bispo nesse campo: «Admiro essas crianças – dizia – que mal sabem falar e que já cantam sua parte; compreendem todos os sinais e regras musicais, enquanto eu não saberia mesmo como me virar, eu que sou um homem feito e que gostaria de passar por uma grande personalidade». Ninguém neste mundo é perfeito:

Há pessoas de natureza leve, outras grosseiras, outras ainda muito relutantes em ouvir as opiniões alheias, e outras finalmente propensas à indignação, outras à cólera e outras ao amor; para resumir, encontramos poucas pessoas em que não seja possível descobrir uma ou outra dessas imperfeições.

Deve-se então desesperar de poder melhorar o próprio

temperamento, corrigindo alguma de nossas inclinações naturais? De jeito nenhum.

Por mais que, de fato, sejam em cada um de nós como próprias e naturais, se com a aplicação a um apego contrário podem ser corrigidas e reguladas, e até mesmo alguém pode se livrar delas e se purificar, então, digo a você, Filoteia, que é preciso fazê-lo. Encontrou-se até o modo de tornar doces as amendoeirinhas amargas: basta furá-las na base e fazer sair o suco; por que não poderíamos então fazer sair nossas inclinações perversas, para assim nos tornarmos melhores?

Daí a conclusão otimista, mas exigente: «Não há natureza boa que não possa se tornar má, por meio de hábitos viciosos; não há natureza tão perversa que não possa, primeiramente com a graça de Deus e depois com empenho industrioso e diligência, ser domada e vencida». Se o homem é educável, não se deve desesperar de ninguém e deve-se evitar preconceitos contra as pessoas:

Não digam: fulano é um bêbado, mesmo que o tenham visto bêbado; é um adúltero, por tê-lo visto pecar; é um incestuoso, por tê-lo apanhado naquela desgraça; porque um único ato não basta para dar nome à coisa. [...] E mesmo quando um homem tenha sido viciado por muito tempo, ainda assim correria o risco de mentir ao chamá-lo viciado.

A pessoa humana nunca termina de cultivar seu jardim. É a lição que o fundador das visitandinas lhes incutia, quando as chamava «a cultivar a terra e o jardim» de seus corações e espíritos, porque não existe «homem tão perfeito que não precise se empenhar tanto para crescer na perfeição quanto para mantê-la».

---

# Dom José Luís Carreño, missionário salesiano

O P. José Luís Carreño (1905-1986) foi descrito pelo historiador José Thekkedath como “o salesiano mais amado do sul da Índia” na primeira metade do século XX. Em todos os lugares onde viveu – seja na Índia britânica, na colônia portuguesa de Goa, nas Filipinas ou na Espanha – encontramos salesianos que guardam com carinho sua memória. Estranhamente, porém, ainda não dispomos de uma biografia adequada deste grande salesiano, exceto pela extensa carta mortuária redigida pelo P. José Antônio Rico: “José Luís Carreño Etxeandía, operário de Deus”. Esperamos que em breve essa lacuna seja preenchida. O P. Carreño foi um dos artífices da região da Ásia Sul, e não podemos nos dar ao luxo de esquecê-lo.

José Luís Carreño Etxeandía nasceu em Bilbao, na Espanha, em 23 de outubro de 1905. Órfão de mãe aos oito anos, foi acolhido na casa salesiana de Santander. Em 1917, aos doze anos, entrou no aspirantado de Campello. Lembra que naquela época “não se falava muito de Dom Bosco... Mas para nós um P. Binelli era um Dom Bosco, sem falar do P. Rinaldi, então Prefeito Geral, cujas visitas nos deixavam uma sensação sobrenatural, como quando os mensageiros de Javé visitaram a tenda de Abraão”.

Após o noviciado e pós-noviciado, realizou o tirocínio como assistente dos noviços. Devia ser um clérigo brilhante, pois o P. Pedro Escursell escreveu ao Reitor-Mor sobre ele: “Estou falando neste momento com um dos clérigos modelo desta casa. Ele é assistente na formação do pessoal desta Inspeção; me disse que há muito tempo pede para ser enviado às missões e que desistiu de pedir porque não recebe resposta. É um jovem de grande valor intelectual e moral.”

Na véspera de sua ordenação sacerdotal, em 1932, o jovem José Luís escreveu diretamente ao Reitor-Mor, oferecendo-se para as

missões. A oferta foi aceita, e ele foi enviado para a Índia, desembarcando em Mumbai em 1933. Apenas um ano depois, quando foi criada a Inspetoria da Índia do Sul, foi nomeado mestre dos noviços em Tirupattur: tinha apenas 28 anos. Com suas extraordinárias qualidades de mente e coração, tornou-se rapidamente a alma da casa e deixou uma profunda impressão em seus noviços. “Nos conquistou com seu coração paterno”, escreve um deles, o arcebispo Hubert D’Rosario de Shillong. O P. José Vaz, outro noviço, contava frequentemente como Carreño percebeu que ele tremia de frio durante uma conferência. “Espere um momento, homem,” disse o mestre dos noviços, e saiu. Pouco depois voltou com um suéter azul que entregou a Joe. Joe notou que o suéter estava estranhamente quente. Então lembrou que sob a batina seu mestre usava algo azul... que agora não estava mais lá. Carreño lhe dera seu próprio suéter.

Em 1942, quando o governo britânico na Índia aprisionou todos os estrangeiros provenientes de países em guerra com a Grã-Bretanha, Carreño, sendo cidadão de um país neutro, não foi incomodado. Em 1943 recebeu uma mensagem pela Rádio Vaticana: deveria substituir o P. Eligio Cinato, inspetor da Inspetoria da Índia do Sul, também preso. No mesmo período, o arcebispo salesiano Luís Mathias de Madras-Mylapore o convidou para ser seu vigário geral.

Em 1945 foi oficialmente nomeado inspetor, cargo que ocupou de 1945 a 1951. Um de seus primeiros atos foi consagrar a Inspetoria ao Sagrado Coração de Jesus. Muitos salesianos acreditavam que o extraordinário crescimento da Inspetoria do Sul se devia justamente a esse gesto. Sob a liderança do P. Carreño, as obras salesianas dobraram. Um de seus atos mais visionários foi o início de uma faculdade universitária na remota e pobre vila de Tirupattur. O Sacred Heart College acabaria por transformar todo o distrito.

O P. Carreño foi também o principal artífice da “indianização” do rosto salesiano na Índia, buscando desde o início vocações locais, em vez de depender exclusivamente dos missionários estrangeiros. Uma escolha que se revelou providencial:

primeiro, porque o fluxo de missionários estrangeiros cessou durante a guerra; depois, porque a Índia independente decidiu não conceder mais vistos a novos missionários estrangeiros. “Se hoje os salesianos na Índia são mais de dois mil, o mérito desse crescimento deve ser atribuído às políticas iniciadas pelo P. Carreño,” escreve o P. Thekkedath em sua história dos salesianos na Índia.

Como dissemos, o P. Carreño não era apenas inspetor, mas também vigário de Dom Mathias. Esses dois grandes homens, que se estimavam profundamente, eram, porém, muito diferentes em temperamento. O arcebispo defendia medidas disciplinares severas contra os coirmãos em dificuldades, enquanto o P. Carreño preferia procedimentos mais brandos. O visitador extraordinário, P. Albino Fedrigotti, parece ter dado razão ao arcebispo, definindo o P. Carreño como “um excelente religioso, um homem de grande coração”, mas também “um pouco poeta demais”.

Não faltou também a acusação de ser um mau administrador, mas é significativo que uma figura como o P. Aurélio Maschio, grande procurador e arquiteto das obras salesianas de Mumbai, tenha rejeitado firmemente tal acusação. Na verdade, o P. Carreño era um inovador e visionário. Algumas de suas ideias – como a de envolver voluntários não salesianos para um serviço de alguns anos – eram, na época, vistas com desconfiança, mas hoje são amplamente aceitas e ativamente promovidas.

Em 1951, ao término de seu mandato oficial como inspetor, Carreño foi chamado a retornar à Espanha para cuidar dos Salesianos Cooperadores. Esse não era o verdadeiro motivo de sua partida, após dezoito anos na Índia, mas Carreño aceitou serenamente, embora não sem dor.

Em 1952 foi enviado a Goa, onde permaneceu até 1960. “Goa foi amor à primeira vista,” escreveu em Urdimbre en el telar. Goa, por sua vez, o acolheu no coração. Prosseguiu a tradição dos salesianos que serviam como diretores espirituais e confessores do clero diocesano, e foi até patrono da associação dos escritores em língua concani. Acima de tudo, governou a comunidade de Dom Bosco Panjim com amor, cuidou com

extraordinária paternidade dos muitos meninos pobres e, mais uma vez, dedicou-se ativamente à busca de vocações para a vida salesiana. Os primeiros salesianos de Goa – pessoas como Thomas Fernandes, Elias Diaz e Rômulo Noronha – contavam com lágrimas nos olhos como Carreño e outros passavam pelo Goa Medical College, bem ao lado da casa salesiana, para doar sangue e assim conseguir algumas rúpias para comprar mantimentos e outros bens para os meninos.

Em 1961 ocorreram a ação militar indiana e a anexação de Goa. Naquele momento o P. Carreño estava na Espanha e não pôde mais retornar à terra amada. Em 1962 foi enviado às Filipinas como mestre dos noviços. Acompanhou apenas três grupos de noviços, porque em 1965 pediu para voltar à Espanha. A origem de sua decisão foi uma séria divergência de visão entre ele e os missionários salesianos vindos da China, especialmente com o P. Carlo Braga, superior da visitadoria. Carreño se opôs fortemente à política de enviar os jovens salesianos filipinos recém-professos a Hong Kong para os estudos de filosofia. Como aconteceu, no final os superiores aceitaram a proposta de manter os jovens salesianos nas Filipinas, mas naquele momento o pedido de Carreño para retornar ao país já havia sido aceito.

Dom Carreño passou apenas quatro anos nas Filipinas, mas também ali, como na Índia, deixou uma marca indelével, “uma contribuição incomensurável e crucial para a presença salesiana nas Filipinas”, segundo as palavras do historiador salesiano Nestor Impelido.

De volta à Espanha, colaborou com as Procuradorias Missionárias de Madri e de New Rochelle, e na animação das inspetorias ibéricas. Muitos na Espanha ainda lembram o velho missionário que visitava as casas salesianas, contagiando os jovens com seu entusiasmo missionário, suas canções e sua música.

Mas em sua imaginação criativa estava tomando forma um novo projeto. Carreño dedicou-se de todo coração ao sonho de fundar um Pueblo Misionero com dois objetivos: preparar jovens

missionários – em sua maioria vindos da Europa Oriental – para a América Latina; e oferecer um refúgio para missionários “aposentados” como ele, que também poderiam servir como formadores. Após uma longa e sofrida correspondência com os superiores, o projeto finalmente tomou forma no Hogar del Misionero em Alzuza, a poucos quilômetros de Pamplona. O componente vocacional missionário nunca decolou, e foram pouquíssimos os missionários idosos que efetivamente se juntaram a Carreño. Seu principal apostolado nesses últimos anos permaneceu o da caneta. Deixou mais de trinta livros, entre os quais cinco dedicados ao Santo Sudário, ao qual era particularmente devoto.

O P. José Luís Carreño faleceu em 1986 em Pamplona, aos 81 anos. Apesar dos altos e baixos de sua vida, este grande amante do Sagrado Coração de Jesus pôde afirmar, no jubileu de ouro de sua ordenação sacerdotal: “Se cinquenta anos atrás meu lema como jovem padre era ‘Cristo é tudo’, hoje, velho e dominado por seu amor, eu o escreveria em letras de ouro, porque na verdade CRISTO É TUDO”.

P. Ivo COELHO, sdb

---

## A árvore

Um senhor tinha quatro filhos. Ele queria que seus filhos aprendessem a não julgar as coisas rapidamente. Por isso, convidou cada um deles a fazer uma viagem para ver uma árvore que havia sido plantada em um lugar distante. Ele os enviou um de cada vez, com três meses de intervalo. As crianças obedeceram.

Quando o último voltou, ele os reuniu e pediu que descrevessem o que tinham visto.

O primeiro filho disse que a árvore era feia, retorcida e

curvada.

O segundo filho disse, entretanto, que a árvore estava coberta de brotos verdes e prometia vida.

O terceiro filho discordou; ele disse que a árvore estava coberta de flores, que tinham um cheiro tão doce e eram tão bonitas que ele disse que se tratava da coisa mais bonita que já tinha visto.

O último filho discordou de todos os outros; ele disse que a árvore estava cheia de frutos, vida e abundância.

O homem então explicou aos filhos que todas as respostas estavam corretas, pois cada um havia visto apenas uma estação da vida da árvore.

Ele disse que não se pode julgar uma árvore, ou uma pessoa, por uma única estação, e que sua essência, o prazer, a alegria e o amor que advêm dessas vidas só podem ser medidos no final, quando todas as estações estiverem completas.

*Quando a primavera vai embora, todas as flores morrem, mas quando ela retorna, elas sorriem felizes. Em meus olhos tudo passa, em minha cabeça tudo embranquece.*

*Mas nunca acredite que na agonia da primavera todas as flores morrem porque, ainda ontem à noite, um ramo de pessegueiro estava florescendo.*

*(anônimo do Vietnã)*

Não deixe que a dor de uma estação destrua a alegria do que virá depois.

Não julgue sua vida em uma estação difícil. Persevere nas dificuldades e, com certeza, tempos melhores virão quando menos esperar! Viva cada uma de suas estações com alegria e com a força da esperança.

---

# A décima colina (1864)

*O sonho da “Décima Colina”, narrado por Dom Bosco em outubro de 1864, é uma das páginas mais sugestivas da tradição salesiana. Nele, o santo se encontra em um vale imenso cheio de jovens: alguns já no Oratório, outros ainda a serem encontrados. Guiado por uma voz misteriosa, ele deve conduzi-los por uma escarpa íngreme e depois por dez colinas, símbolo dos dez mandamentos, em direção a uma luz que prefigura o Paraíso. O carro da Inocência, as hostes penitenciais e a música celestial desenham um afresco educativo: mostram a dificuldade de preservar a pureza, o valor do arrependimento e o papel insubstituível dos educadores. Com essa visão profética, Dom Bosco antecipa a expansão mundial de sua obra e o compromisso de acompanhar cada jovem no caminho da salvação.*

Dom Bosco tinha tido um sonho na noite anterior. Ao mesmo tempo um menino, chamado C... E..., de Casale Monferrato, teve o mesmo sonho, parecendo-lhe estar com Dom Bosco e conversar com ele. Quando acordou ficou muito impressionado e foi contar o sonho ao seu professor, que o exortou a contar tudo a Dom Bosco. O menino foi procurá-lo e se encontrou com o próprio, que descia a escada e soube que ele também estava à sua procura para lhe relatar a mesma coisa.

Pareceu a Dom Bosco estar num vale enorme repleto de milhares de garotos, mas tão numerosos que ele não acreditava poder encontrar tantos no mundo inteiro. Entre estes ele podia reconhecer todos aqueles que foram e que estão agora no Oratório. Todos os outros eram talvez aqueles que virão mais tarde. No meio dos jovens, podiam-se ver os padres e os clérigos da casa.

Uma escarpada muito alta fechava um lado daquele vale. Enquanto Dom Bosco pensava o que poderia fazer com todos estes jovens, “uma voz” lhe disse:

– Está vendo aquela escarpada? Pois bem, precisa que você e os seus jovens alcancem o topo.

Então Dom Bosco ordenou àquela multidão de jovens de se dirigir até o ponto indicado. Os jovens foram correndo e iniciaram a subir pela escarpada. Os padres da casa também correram e subiam ajudando os jovens: Levantavam os que caíam e carregavam os que, cansados, não aguentavam mais. P. Rua, com as mangas arregaçadas, trabalhava mais que todos e, até agarrando os meninos de dois em dois, lançava-os até o cume da escarpada, onde caíam em pé e corriam alegremente a brincar. P. Cagliero e P. Francesca corriam no meio dos meninos gritando:

– Coragem, continuem; continuem, coragem.

Em pouco tempo aquela multidão de jovens chegou no topo da escarpada; também Dom Bosco tinha chegado e disse: – E agora, o que vamos fazer?

– E a “voz” continuou:

– Você deve ultrapassar com os seus jovens estas dez colinas que estão à sua frente, uma após a outra.

– Mas como é que vão conseguir aguentar uma caminhada tão longa, estes garotos tão pequenos e delicados?

Foi-lhe respondido: – Quem não puder andar com suas próprias pernas será carregado.

E eis, de fato, na extremidade da colina aparecer uma magnífica carruagem. Impossível descrever a beleza daquela carruagem, mas vou tentar. Era triangular e tinha três rodas que se movimentavam em todos os sentidos. Nos três cantos havia três hastes cujas extremidades se encontravam num mesmo ponto por cima da mesma carruagem, formando como que um pináculo de caramanchão. Sobre este ponto de união se levantava um magnífico estandarte sobre o qual estava escrito em caracteres cubitais: *Innocentia* (Inocência). Havia uma faixa ao redor da carruagem com a escrita: *Adjutorio Dei Altissimi Patris et Filii et Spiritus Sancti* (Com a ajuda do Deus Altíssimo Pai e Filho e Espírito Santo).

A carruagem, que era de grande esplendor, por causa do ouro e pedras preciosas, veio até o meio dos jovens. Dada a ordem, muito meninos subiram na carruagem. Seu número era de quinhentos. Quinhentos apenas eram ainda inocentes, no

meio a tantos milhares de jovens.

Dispostos estes na carruagem, Dom Bosco pensava por qual caminho deveria ir, quando viu abrir-se à sua frente uma estrada ampla e bonita, mas cheia de espinhos. Apareceram então, de repente, seis jovens, já falecidos no Oratório, vestidos de branco, carregando outra belíssima bandeira onde estava escrito: *Poenitentia* (Penitência). Estes se puseram à frente daquelas legiões de jovens que deviam seguir o caminho a pé. Então foi dado o sinal da partida. Muitos padres puseram-se no timão da carruagem, que, dirigida por eles, começou a se mover. Os seis meninos, vestidos de branco, seguiram-no. Atrás deles vinha a multidão. Os garotos que estavam na carruagem entoaram o *Laudate pueri Dominum* (Louvai, meninos, ao Senhor – Sl 112,1) com uma melodia magnífica e inexprimível.

Dom Bosco caminhava encantado com aquela música celestial, quando se lembrou de olhar atrás para ver se todos os jovens o acompanhavam. Mas, oh, doloroso espetáculo! Muitos tinham ficado no vale, muitos voltaram atrás. Dom Bosco, agitado por dor inexprimível, decidiu voltar atrás para tentar convencer aqueles jovens levianos e ajudá-los a segui-lo. Mas foi-lhe decididamente negado.

Exclamou ele: – Mas aqueles coitados vão se perder.

Foi-lhe respondido:

– Pior para eles: eles foram chamados como os outros e não quiseram acompanhá-lo. A estrada a ser percorrida, eles a viram e isso basta.

Dom Bosco queria replicar; pediu, suplicou: inútil.

Foi-lhe dito: – A obediência é para você também! – E teve que continuar o caminho.

Nem tinha ainda suavizado esta dor, quando um outro acidente aconteceu. Muitos dos que estavam na carruagem, aos poucos, foram caindo por terra. De quinhentos, ficaram apenas 150 debaixo do estandarte da inocência.

O coração de Dom Bosco partia-se por tanta

angústia. Ele esperava que o que estava acontecendo fosse um sonho, fazia de tudo para acordar, mas infelizmente tudo aquilo era a triste realidade. Batia palmas e ouvia o som delas; gemia e ouvia seus gemidos ecoarem pelo quarto; queria fazer sumir aquele terrível fantasma, mas não podia.

Neste ponto, narrando o sonho, exclamava: – Meus queridos jovens! Eu conheci e vi os que ficaram no vale, os que voltaram ou caíram da carruagem! Eu reconheci a todos vocês. Mas tenho a certeza de que farei de tudo para salvá-los. Muitos de vocês, convidados por mim para se confessar, não acataram o meu chamado! Pelo amor de Deus, salvem suas almas.

Muitos dos garotos que tinham caído da carruagem foram aos poucos se juntar entre os que caminhavam atrás da segunda bandeira. E a música da carruagem continuava tão suave que aos poucos fez esquecer a dor que Dom Bosco sentia. Sete colinas já estavam ultrapassadas e, chegando aquelas legiões na oitava, entraram num maravilhoso povoado, onde pararam para descansar um pouco. As casas daquele lugar eram de uma riqueza e beleza indescritível.

Dom Bosco, falando aos jovens sobre este lugar, acrescentou:

– Vou dizer para vocês o que Santa Teresa afirmou das coisas do Paraíso: são coisas que ao se falar se degradam, porque são tão belas que é inútil esforçar-se para descrevê-las. Por isso digo-lhes só que os portais das casas pareciam um conjunto de ouro, cristal e diamante que surpreendia, enchia os olhos e infundia muita alegria. Os campos estavam cheios de árvores carregadas ao mesmo tempo de flores, botões, fruta madura e fruta verde. Era uma visão maravilhosa.

Os jovens espalharam-se pelo povoado daqui e dali, uns para uma coisa, outros para outra, pois grande era a curiosidade deles e o desejo de provar daquela fruta.

Foi nesta vila que aquele jovem de Casale se encontrou com Dom Bosco e conversou longamente com ele. Dom Bosco e o menino lembravam perfeitamente as perguntas feitas e as respostas. Singular combinação de dois sonhos.

Dom Bosco neste ponto teve mais uma estranha surpresa. Os seus jovens apareceram-lhe, de repente, de idade avançada, curvos, desdentados, cheios de rugas no rosto, cabelos brancos, claudicantes, apoiados em bengalas. Ficou admirado com esta metamorfose, mas a “voz” lhe disse:

– Você se admira; mas saiba que não são poucas horas desde que saiu do vale, mas já se passaram anos e anos. Foi aquela música que lhe fez parecer curto o caminho. Como prova, olhe a sua fisionomia e verá o que estou lhe dizendo. – E foi apresentado a Dom Bosco um espelho. Ele olhou-se no espelho e viu que o seu aspecto era de um homem idoso, com o rosto cheio de rugas e com poucos dentes e estragados.

A comitiva, entretanto, retomou o caminho, e os jovens de vez em quando pediam para parar a fim de olhar aquelas coisas novas. Mas Dom Bosco lhes dizia: – Em frente, em frente; nós não precisamos de nada; não temos fome, nem sede, portanto em frente.

(Lá no fundo, distante, sobre a décima colina despontava uma luz que ia sempre aumentando, como que saída de um portal). Recomeçou, então, o canto, mas tão bonito que só mesmo no Paraíso se poderia ouvir coisa igual e deleitar-se. Não era música de instrumentos, nem parecia de vozes humanas. Era uma música impossível de descrever; e tamanha foi a alegria que invadiu a alma de Dom Bosco que acordou e se viu em sua cama.

Dom Bosco, então, explicou o sonho:

– O vale é o mundo. A escarpada são os obstáculos para afastar-se dele. A carruagem, vocês já entenderam. As turmas dos jovens a pé são os que, perdida a inocência, arrependem-se de suas faltas.

Dom Bosco acrescentou ainda que as dez colinas representavam os dez mandamentos da lei de Deus, cuja observância leva à vida eterna.

Enfim, anunciou que, se fosse necessário, estaria disposto a revelar em particular a alguns jovens o que faziam naquele sonho; se ficaram no vale ou se caíram da carruagem.

Descido do estrado, o aluno Antônio Ferraris aproximou-se dele e contou, estando nós presentes e entendendo perfeitamente o que ele dizia, como na noite anterior ele sonhou de estar com sua querida mãe, que lhe perguntou se por ocasião da Páscoa viria para casa de férias. Dom Bosco respondeu-lhe que antes da Páscoa estaria no Paraíso. Em seguida o jovem, em confiança, baixinho, falou algumas outras coisas ao ouvido de Dom Bosco. Antônio Ferraris faleceu no dia 16 de março de 1865.

Colocamos logo por escrito o sonho, e na mesma noite de 22 de outubro de 1864, no final, acrescentamos a seguinte nota: “Eu tenho certeza de que Dom Bosco, pelas suas explicações, procurou encobrir o que o sonho tem de mais surpreendente, pelo menos por alguma circunstância. Aquela dos dez mandamentos não me convence. A oitava colina onde Dom Bosco parou, e se viu no espelho muito mais idoso, eu creio que indique o fim de sua vida, que deveria acontecer depois dos setenta anos. O futuro dirá”.

Este futuro é agora, tempo que passou e confirmou a nossa opinião. O sonho indicava a Dom Bosco a duração de seu viver. Vamos confrontar com esse o da Roda, que a gente só pôde conhecer alguns anos depois. Os giros da Roda correspondem a uma dezena de anos; e assim, também, parece que tenha o mesmo espaço de tempo o proceder de colina em colina. Cada um das colinas corresponde a dez anos, de modo que elas significam cem anos, o máximo da vida de um homem. Agora, nós vemos Dom Bosco, menino de dez anos, iniciar sua missão entre os colegas dos Becchi e, assim, iniciar sua viagem; percorre todas as sete colinas, isto é, sete dezenas, portanto, a sua idade chega a setenta anos; sobe na oitava colina e aqui faz uma parada: vê casas e campos maravilhosos, isto é, a sua Congregação (Pia Sociedade), tornada grande e cheia de frutos pela infinita bondade de Deus. É ainda longo o caminho a percorrer na oitava colina, e retoma a viagem; mas não chega à nona colina, pois ele acordou. Assim ele não viveu a oitava dezena de anos, vindo a falecer aos 72 anos e cinco meses.

O que diz o leitor sobre isso? Vou acrescentar

que, na noite seguinte, tendo Dom Bosco perguntado nosso parecer sobre o sonho, respondi que o sonho não dizia respeito somente aos jovens, mas indicava a expansão da Congregação (Pia Sociedade) em todo o mundo.

– Que nada – retrucou um dos nossos irmãos; temos já o Colégio de Mirabello e de Lanzo e talvez vamos ter mais alguns outros no Piemonte. O que quer mais?

– Não! O sonho nos aponta outros destinos.

E Dom Bosco aprovava, sorrindo, a nossa certeza.

(MBp VII, 820-826)

---

## A educação feminina com São Francisco de Sales

*O pensamento educativo de São Francisco de Sales revela uma visão profunda e inovadora do papel da mulher na Igreja e na sociedade de seu tempo. Convencido de que a formação das mulheres era fundamental para o crescimento moral e espiritual de toda a comunidade, o santo bispo de Genebra promoveu uma educação equilibrada, respeitosa da dignidade feminina, mas também atenta às fragilidades. Com um olhar paterno e realista, soube reconhecer e valorizar as qualidades das mulheres, encorajando-as a cultivar a virtude, a cultura e a devoção. Fundador da Ordem da Visitação com Joana de Chantal, defendeu vigorosamente a vocação feminina, mesmo contra críticas e preconceitos. Seu ensinamento continua a oferecer reflexões atuais sobre a educação, o amor e a liberdade na escolha da própria vida.*

Por ocasião de sua viagem a Paris em 1619, Francisco de Sales encontrou Adrien Bourdoise, um padre reformador do clero, que o repreendeu por se ocupar demais das

mulheres. O bispo teria respondido com calma que as mulheres eram metade da humanidade e que, formando boas cristãs, haveria bons jovens e, com bons jovens, bons padres. Aliás, São Jerônimo não lhes dedicou muito tempo e vários escritos? A leitura de suas cartas é recomendada por Francisco de Sales à senhora de Chantal, que encontrará nelas, entre outras coisas, numerosas indicações “para educar suas filhas”. Deduz-se que o papel das mulheres na educação justificava, aos seus olhos, o tempo e a solícitude que lhes dedicava.

### **Francisco de Sales e as mulheres de seu tempo**

“É preciso ajudar o sexo feminino, desprezado”, disse certa vez o bispo de Genebra a Jean-François de Blonay. Para compreender as preocupações e o pensamento de Francisco de Sales, convém situá-lo em sua época. É preciso dizer que algumas de suas afirmações ainda parecem muito ligadas à mentalidade corrente. Nas mulheres de sua época, ele lamentava “essa ternura feminina consigo mesmas”, a facilidade “em se compadecer e desejar ser compadecidas”, uma maior propensão do que os homens “a dar crédito aos sonhos, a ter medo dos espíritos e a ser crédulas e supersticiosas” e, acima de tudo, as “contorções de seus pensamentos vaidosos”. Entre os conselhos dados à senhora de Chantal relativos à educação das filhas, escrevia sem hesitação: “Tire-lhes a vaidade da alma: ela nasce quase ao mesmo tempo que o sexo”.

No entanto, as mulheres são dotadas de grandes qualidades. Ele escreveu sobre a senhora de La Fléchère, que acabara de perder o marido: “Se eu tivesse apenas esta ovelha perfeita no meu rebanho, não me angustiaría por ser pastor desta diocese aflita. Depois da senhora de Chantal, não sei se alguma vez encontrei uma alma mais forte num corpo feminino, um espírito mais sensato e uma humildade mais sincera”. As mulheres não são de forma alguma as últimas na prática das virtudes: “Não vimos muitos grandes teólogos que disseram coisas maravilhosas sobre as virtudes, mas não as praticavam, enquanto, ao contrário, há tantas mulheres santas que não

sabem falar de virtudes, mas sabem muito bem como praticá-las?”.

São as mulheres casadas as mais dignas de admiração: “Ó meu Deus! Como são agradáveis a Deus as virtudes de uma mulher casada; na verdade, elas devem ser fortes e excelentes para poderem permanecer nessa vocação!”. Na luta para preservar a castidade, ele acreditava que “as mulheres muitas vezes lutaram com mais coragem do que os homens”.

Fundador de uma congregação de mulheres junto com Joana de Chantal, ele manteve contato constante com as primeiras religiosas. Ao lado dos elogios, começaram a chover críticas. Empurrado para essas trincheiras, o fundador teve que se defender e defendê-las, não apenas como religiosas, mas também como mulheres. Em um documento que deveria servir de prefácio às Constituições das Visitandinas, encontramos a veia polêmica de que ele era capaz, dirigindo-se não mais contra os “hereges”, mas contra os “censores” maliciosos e ignorantes:

*A presunção e a arrogância inoportuna de muitos filhos deste século, que criticam ostensivamente tudo o que não está de acordo com o seu espírito [...], oferecem-me a oportunidade, ou melhor, obrigam-me a redigir esta Prefácio, minhas queridas Irmãs, para armar e defender a vossa santa vocação contra as pontas das suas línguas pestilentas; para que as almas boas e piedosas, que sem dúvida estão ligadas ao vosso amável e honrado Instituto, encontrem aqui como repelir as flechas lançadas pela temeridade desses censores bizarros e insolentes.*

Prevendo talvez que tal preâmbulo corria o risco de prejudicar a causa, o fundador da Visitação escreveu uma segunda edição suavizada, com o objetivo de destacar a igualdade fundamental entre os sexos. Depois de citar o Gênesis, desta vez ele fez o seguinte comentário: “A mulher, portanto, não menos que o homem, tem a graça de ter sido feita à imagem de Deus; igual honra em ambos os sexos; suas virtudes são iguais”.

## A educação das filhas

O inimigo do amor verdadeiro é a “ vaidade ”. Este era o defeito que Francisco de Sales, assim como os moralistas e pedagogos de seu tempo, mais temia na educação das jovens. Ele destaca várias manifestações disso. Veja “ estas moças da alta sociedade, que, tendo-se bem estabelecido, andam por aí cheias de orgulho e vaidade, com a cabeça erguida, os olhos abertos, ansiosas por serem notadas pelos mundanos ”.

O bispo de Genebra diverte-se um pouco ao ridicularizar essas “ moças da sociedade ”, que “ usam chapéus espalhados e empoados ”, com a cabeça “ ferrada como se fossem ferraduras de cavalo ”, todas “ empinadas e enfeitadas com flores como não se pode dizer ” e “ carregadas de enfeites ”. Há aquelas que “ usam vestidos apertados e muito incômodos, para parecerem magras ”; eis uma verdadeira “ loucura que, na maioria das vezes, as torna incapazes de fazer qualquer coisa ”.

O que pensar, então, de certas belezas artificiais transformadas em “ boutiques de vaidade ”? Francisco de Sales prefere um “ rosto limpo e puro ”, deseja “ que não haja nada afetado, porque tudo o que é embelezado desagrada ”. É preciso, então, condenar todo “ artifício ”? Ele admite de bom grado que “ no caso de algum defeito da natureza, é preciso corrigi-lo de modo a ver a correção, mas despojado de todo artifício ”.

E o perfume? perguntava-se o pregador falando de Madalena. “ É uma coisa excelente – responde –, até quem está perfumado percebe algo de excelente ”; acrescentando, como bom conhecedor, que “ o almíscar da Espanha goza de grande estima no mundo ”. No capítulo sobre a “ decência das vestes ”, ele permite que as jovens tenham roupas com vários ornamentos, “ porque podem desejar livremente ser agradáveis a muitos, mas com o único objetivo de conquistar um jovem com vistas a um santo matrimônio ”. Ele encerrava com esta observação indulgente: “ O que vocês querem? É conveniente que as moças sejam um tanto graciosas ”.

É oportuno acrescentar que a leitura da Bíblia

o preparou para não ser severo diante da beleza feminina. No amante do *Cântico dos Cânticos*, ele admirava “a notável beleza de seu rosto semelhante a um *buquê* de flores”. Ele descreve Jacó que, ao encontrar Raquel junto ao poço, “derramava lágrimas de alegria ao ver uma virgem que lhe agradava e o encantava pela graça do rosto”. Ele também gostava de contar a história de Santa Brígida, nascida na Escócia, um país onde se admiram “as mais belas criaturas que se podem ver”; ela era “uma jovem extremamente atraente”, mas sua beleza era “natural”, indica o nosso autor.

O ideal de beleza salesiana chama-se “boa graça”, que designa não só “a perfeita harmonia das partes que tornam belo”, mas também a “graça dos movimentos, dos gestos e das ações, que é como a alma da vida e da beleza”, ou seja, a bondade do coração. A graça exige “simplicidade e modéstia”. Ora, a graça é uma perfeição que deriva do íntimo da pessoa. É a beleza unida à graça que faz de Rebeca o ideal feminino da Bíblia: ela era “tão bela e graciosa junto ao poço onde tirava água para dar de beber ao rebanho”, e sua “bondade familiar” a inspirava, além disso, a dar de beber não só aos servos de Abraão, mas também aos seus camelos.

### **Educação e preparação para a vida**

Na época de São Francisco de Sales, as mulheres tinham poucas oportunidades de acesso aos estudos superiores. As meninas aprendiam o que ouviam de seus irmãos e, quando a família tinha condições, frequentavam um convento. A leitura era certamente mais frequente do que a escrita. Os colégios eram reservados aos meninos, portanto, aprender latim, a língua da cultura, era praticamente proibido para as meninas.

É preciso acreditar que Francisco de Sales não era contra que as mulheres se tornassem pessoas cultas, mas desde que não caíssem na pedanteria e na vaidade. Ele admirava Santa Catarina, que era “muito erudita, mas humilde em tanta ciência”. Entre as interlocutoras do bispo de Genebra, a senhora de La Fléchère havia estudado latim, italiano,

espanhol e belas-artes, mas era uma exceção.

Para encontrar um lugar na vida, tanto no âmbito social quanto no religioso, em determinado momento as jovens frequentemente precisavam de uma ajuda especial. Georges Rolland relata que o bispo ocupou-se pessoalmente de vários casos difíceis. Uma mulher de Genebra, com três filhas, foi generosamente assistida pelo bispo, “com dinheiro e créditos”; “colocou uma das filhas como aprendiz junto a uma senhora honesta da cidade, pagando-lhe a pensão durante seis anos, em grãos e dinheiro”. Ele também doou 500 florins para o casamento da filha de um impressor de Genebra.

A intolerância religiosa da época às vezes provocava dramas, aos quais Francisco de Sales tentava remediar. Marie-Judith Gilbert, educada em Paris pelos pais nos “erros de Calvino”, descobriu aos dezenove anos o livro da *Filoteia*, que ousava ler apenas em segredo. Ela simpatizou com o autor, de quem tinha ouvido falar. Viguada de perto pelo pai e pela mãe, conseguiu ser levada de carruagem, recebeu instrução na religião católica e entrou para as irmãs da Visitação.

O papel social das mulheres ainda era bastante limitado. Francisco de Sales não era totalmente contra a intervenção das mulheres na vida pública. Ele escreveu nestes termos, por exemplo, a uma mulher levada a intervir na esfera pública, a propósito e a despropósito:

*O seu sexo e a sua vocação permitem-lhe reprimir o mal externo a si, mas apenas se isso for inspirado pelo bem e realizado com repreensões simples, humildes e caridosas para com os transgressores e avisando os superiores, na medida do possível.*

Por outro lado, é significativo que uma contemporânea de Francisco de Sales, a senhorita de Gournay, uma das primeiras feministas *ante litteram* [antes da palavra], intelectual e autora de textos polêmicos como seu tratado *A igualdade entre homens e mulheres* e *A queixa das mulheres*,

tenha manifestado grande admiração por ele. Ela se empenhou durante toda a sua vida em demonstrar essa igualdade, reunindo todos os testemunhos possíveis a esse respeito, sem esquecer o do “bom e santo bispo de Genebra”.

### **Educação para o amor**

Francisco de Sales falou muito sobre o amor de Deus, mas também foi muito atento às manifestações do amor humano. Para ele, de fato, o amor é uno, mesmo que seu “objeto” seja diferente e desigual. Para explicar o amor de Deus, ele não soube fazer melhor do que partir do amor humano.

O amor nasce da contemplação do belo, e o belo se deixa perceber pelos sentidos, sobretudo pelos olhos. Estabelece-se um fenômeno interativo entre o olhar e a beleza: “Contemplar a beleza nos faz amá-la, e o amor nos faz contemplá-la”. O olfato reage da mesma maneira; de fato, “os perfumes exercem seu único poder de atração com sua doçura”.

Após a intervenção dos sentidos externos, intervêm os sentidos internos, a fantasia, a imaginação, que exaltam e transfiguram a realidade: “Em virtude desse movimento recíproco do amor para a visão e da visão para o amor, da mesma forma que o amor torna mais resplandecente a beleza da coisa amada, assim a visão da coisa amada torna o amor mais apaixonado e agradável”. Compreende-se então por que “aqueles que pintaram Cupido lhe vendaram os olhos, afirmando que o amor é cego”. A este ponto surge o amor-paixão: ele faz “buscar o diálogo, e o diálogo muitas vezes alimenta e aumenta o amor”; além disso, “deseja o segredo, e quando os apaixonados não têm nenhum segredo a dizer, às vezes se agradam em dizê-lo secretamente”; e, finalmente, induz a “proferir palavras que, certamente, seriam ridículas se não brotassem de um coração apaixonado”.

Ora, esse amor-paixão, que talvez se reduza apenas a “amorzinhos”, a “galanteios”, está exposto a várias vicissitudes, a tal ponto que leva o autor da *Filoteia* a intervir com uma série de considerações e advertências a respeito das “amizades frívolas que se estabelecem entre

pessoas de sexos diferentes e sem intenção de casamento”. Muitas vezes, não passam de “abortos ou, melhor, aparências de amizade”.

Francisco de Sales também se expressou sobre o tema dos beijos, perguntando-se, por exemplo, com os antigos comentaristas, por que Raquel permitiu que Jacó a abraçasse. Ele explica que existem dois tipos de beijo: um mau e outro bom. Os beijos que os jovens trocam facilmente entre si e que no início não são maus, podem tornar-se maus devido à fragilidade humana. Mas o beijo também pode ser bom. Em determinados lugares, é exigido pelo costume. «O nosso Jacó abraça muito inocentemente a sua Raquel; Rachel aceita este beijo de cortesia por parte deste homem de bom caráter e rosto limpo». «Oh! – concluía Francisco de Sales – dai-me pessoas que tenham a inocência de Jacó e Raquel e eu permitirei que se beijem».

Na questão da dança e do baile, também em voga na época, o bispo de Genebra evitava mandamentos absolutos, como faziam os rigoristas da época, tanto católicos quanto protestantes, mostrando-se, no entanto, muito prudente. Chegaram mesmo a acusá-lo duramente de ter escrito que “as danças e os bailes, em si mesmos, são coisas indiferentes”. Tal como certos jogos, também eles se tornam perigosos quando se fica tão apegado a eles que não se consegue mais separar-se deles: o baile “deve ser feito por recreação e não por paixão; por pouco tempo e não até ficar cansado e atordoado”. O que é mais perigoso é o fato de que esses passatempos muitas vezes se tornam ocasiões que provocam “disputas, invejas, zombarias, namoricos”.

### **A escolha do modo de vida**

Quando a filha cresce, chega “o dia em que será preciso falar com ela, refiro-me a uma palavra decisiva, aquela em que se diz às jovens que se quer casá-las”. Homem do seu tempo, Francisco de Sales compartilhava em grande medida a ideia de que os pais tinham uma tarefa importante na determinação da vocação dos filhos, tanto para o casamento

quanto para a vida religiosa. “Normalmente não se escolhe o próprio príncipe ou bispo, o próprio pai ou a própria mãe, e muitas vezes nem mesmo o próprio marido”, constatava o autor da Filoteia. No entanto, ele afirma claramente que “as filhas não podem ser dadas em casamento enquanto elas disserem não”.

A prática corrente é bem explicada nesta passagem da Filoteia: “Para que um casamento se realize verdadeiramente, são necessárias três coisas em relação à jovem que se quer dar em casamento: em primeiro lugar, que lhe seja feita a proposta; em segundo lugar, que ela a aceite; em terceiro lugar, que ela consinta”. Como as moças se casavam muito jovens, não se pode admirar sua imaturidade afetiva. “As moças que se casam muito jovens amam realmente seus maridos, se os têm, mas não deixam de amar também os anéis, as joias, as amigas com quem se divertem muito brincando, dançando e fazendo loucuras”.

O problema da liberdade de escolha se colocava igualmente para as crianças que se destinavam à vida religiosa. Franceschetta [Francisquinha], filha da baronesa de Chantal, deveria ser colocada em um convento por sua mãe, que desejava vê-la religiosa, mas o bispo interveio: “Se Franceschetta deseja ser religiosa, muito bem; caso contrário, não aprovo que se antecipe sua vontade com decisões que não são suas”. Além disso, não seria conveniente que a leitura das cartas de São Jerônimo orientasse demais a mãe no caminho da severidade e da coação. Por isso, aconselhou-a a “usar moderação” e a proceder com “inspirações suaves”.

Algumas jovens hesitam diante da vida religiosa e do casamento, sem nunca chegar a se decidir. Francisco de Sales encorajou a futura senhora de Longecombe a dar o passo do casamento, que ele mesmo quis celebrar. Fez esta boa obra, dirá mais tarde o marido, à pergunta da esposa «que desejava casar-se pelas mãos do bispo e que, sem essa presença, nunca poderia dar esse passo, devido à grande aversão que nutria pelo casamento».

**As mulheres e a «devoção»**

Alheio a qualquer feminismo *ante litteram*, Francisco de Sales estava consciente da contribuição excepcional da feminilidade no plano espiritual. Foi observado que, ao favorecer a devoção nas mulheres, o autor da *Filoteia* favoreceu, ao mesmo tempo, a possibilidade de uma maior autonomia, uma “vida privada feminina”.

Não é de admirar que as mulheres tenham uma disposição especial para a “devoção”. Depois de enumerar um certo número de doutores e especialistas, ele pôde escrever no prefácio do Teótimo: “Mas para que se saiba que este tipo de escritos se redige melhor com a devoção dos apaixonados do que com a doutrina dos sábios, o Espírito Santo fez com que numerosas mulheres realizassem maravilhas a este respeito. Quem melhor manifestou as paixões celestiais do amor divino do que Santa Catarina de Gênova, Santa Ângela de Foligno, Santa Catarina de Sena e Santa Matilde?”. É conhecida a influência da Madre de Chantal na redação do Teótimo, e em particular do nono livro, “o seu nono livro do *Amor de Deus*”, segundo a expressão do autor.

As mulheres podiam se envolver em questões religiosas? “Eis, pois, esta mulher que se faz de teóloga”, diz Francisco de Sales, falando da Samaritana do Evangelho. É preciso necessariamente ver nisso uma desaprovação em relação às teólogas? Não é certo. Tanto mais que ele afirma com veemência: “Eu vos digo que uma mulher simples e pobre pode amar a Deus tanto quanto um doutor em teologia”. A superioridade nem sempre está onde se pensa.

Há mulheres superiores aos homens, a começar pela Santa Virgem. Francisco de Sales respeita sempre o princípio da ordem estabelecida pelas leis religiosas e civis de seu tempo, às quais prega a obediência, mas sua prática testemunha uma grande liberdade de espírito. Assim, para o governo dos mosteiros femininos, ele considerava que era melhor para elas estarem sob a jurisdição do bispo do que depender de seus irmãos religiosos, que corriam o risco de exercer uma influência excessiva sobre elas.

As visitandinas, por sua vez, não dependeriam

de nenhuma ordem masculina e não teriam nenhum governo central, estando cada mosteiro sob a jurisdição do bispo local. Ele ousou qualificar com o título inesperado de “apóstolas” as irmãs da Visitação que partiam para uma nova fundação.

Se interpretarmos corretamente o pensamento do bispo de Genebra, a missão eclesial das mulheres consiste em anunciar não a palavra de Deus, mas “a glória de Deus” com a beleza do seu testemunho. Os céus, reza o salmista, narram a glória de Deus apenas com o seu esplendor. “A beleza do céu e do firmamento convida os homens a admirar a grandeza do Criador e a anunciar as suas maravilhas”; e “não é talvez uma maravilha maior ver uma alma adornada com muitas virtudes do que um céu constelado de estrelas?”.

---

## **O sábio**

O imperador Ciro, o Grande, gostava de conversar amigavelmente com um amigo muito sábio chamado Akkad.

Um dia, tendo acabado de voltar exausto de uma campanha de guerra contra os medos, Ciro foi até seu velho amigo para passar alguns dias com ele.

“Estou exausto, meu caro Akkad. Todas essas batalhas estão me desgastando. Como eu gostaria de poder parar e passar um tempo com o senhor, conversando às margens do Eufrates...”.

“Mas, caro senhor, agora que o senhor já derrotou os medos, o que fará?”

“Quero tomar a Babilônia e subjugar-la.”

“E depois da Babilônia?”

“Vou dominar a Grécia.”

“E depois da Grécia?”

“Conquistarei Roma.”

“E depois disso?”

“Vou parar. Voltarei para cá e passaremos dias felizes conversando amigavelmente às margens do Eufrates...”

“E por que, meu amigo, não começamos logo?”

*Sempre haverá outro dia para dizer “eu lhe quero bem”.*

*Lembre-se de seus entes queridos hoje e sussurre no ouvido deles, diga-lhes o quanto os ama. Reserve um tempo para dizer “me desculpe”, “por favor, me escute”, “obrigado”.*

*Amanhã você não se arrependerá do que fez hoje.*

---

## **A síndrome de Filipe e a de André**

*No relato do evangelho de João, capítulo 6, versículos 4-14, que apresenta a multiplicação dos pães, temos alguns detalhes sobre os quais me detenho um pouco toda vez que medito ou comento esse trecho.*

Tudo começa quando, diante da “grande” multidão faminta, Jesus convida os discípulos a assumirem a responsabilidade de alimentá-la.

Os detalhes de que falo são, primeiro, quando Filipe diz que não é possível assumir esse chamado devido à quantidade de pessoas presentes. André, por sua vez, enquanto observa que “aqui há um menino que tem cinco pães de cevada e dois peixes”, acaba subestimando essa mesma possibilidade com um simples comentário: “mas o que é isso para tanta gente?” (v.9).

Desejo simplesmente compartilhar com vocês, queridas leitoras e queridos leitores, como nós cristãos, que temos o chamado de compartilhar a alegria da nossa fé, às vezes, sem perceber, podemos ser contagiados pela síndrome de Filipe ou pela de

André. Às vezes, talvez até por ambas!

Na vida da Igreja, assim como na vida da Congregação e da Família Salesiana, os desafios não faltam e nunca faltarão. Nosso chamado não é formar um grupo de pessoas onde se busca apenas estar bem, sem incomodar e sem ser incomodado. Não é uma experiência feita de certezas pré-fabricadas. Fazer parte do corpo de Cristo não deve nos distrair nem nos afastar da realidade do mundo como ele é. Pelo contrário, nos impulsiona a estar plenamente envolvidos nas questões da história humana. Isso significa, antes de tudo, olhar a realidade não apenas com olhos humanos, mas também, e principalmente, com os olhos de Jesus. Somos convidados a responder guiados pelo amor que encontra sua fonte no coração de Jesus, ou seja, viver para os outros como Jesus nos ensina e nos mostra.

### **A síndrome de Filipe**

A síndrome de Filipe é sutil e por isso muito perigosa. A análise que Filipe faz é justa e correta. Sua resposta ao convite de Jesus não está errada. Seu raciocínio segue uma lógica humana muito linear e sem falhas. Ele olhava a realidade com seus olhos humanos, com uma mente racional e, no fim das contas, não viável. Diante desse modo “racional” de proceder, o faminto para de me interpelar, o problema é dele, não meu. Para ser mais preciso à luz do que vivemos diariamente: o refugiado poderia ficar em sua casa, não deve me incomodar; o pobre e o doente cuidem de si mesmos e não cabe a mim fazer parte do problema deles, muito menos encontrar a solução para eles. Eis a síndrome de Filipe. Ele é um seguidor de Jesus, mas sua maneira de ver e interpretar a realidade ainda está parada, não desafiada, a anos-luz da do seu mestre.

### **A síndrome de André**

Segue a síndrome de André. Não digo que seja pior que a síndrome de Filipe, mas falta pouco para ser mais trágica. É uma síndrome fina e cínica: vê alguma possibilidade, mas não vai além. Há uma pequena esperança, mas humanamente não é

viável. Então chega-se a desqualificar tanto o dom quanto o doador. E o doador, que neste caso tem “azar”, é um menino que está simplesmente pronto para compartilhar o que tem!

Duas síndromes que ainda estão conosco, na Igreja e também entre nós pastores e educadores. Abafar uma pequena esperança é mais fácil do que dar espaço à surpresa de Deus, uma surpresa que pode fazer florescer uma esperança, ainda que pequena. Deixar-se condicionar por clichês dominantes para não explorar oportunidades que desafiam leituras e interpretações redutivas é uma tentação permanente. Se não tomarmos cuidado, nos tornamos profetas e executores da nossa própria ruína. Ao permanecer fechados numa lógica humana, “academicamente” refinada e “intelectualmente” qualificada, o espaço para uma leitura evangélica torna-se cada vez mais limitado e acaba desaparecendo.

Quando essa lógica humana e horizontal é colocada em crise, para se defender, um dos sinais que surge é o do “ridículo”. Quem ousa desafiar a lógica humana porque deixa entrar o ar fresco do Evangelho será cheio de ridículo, atacado, zombado. Quando isso acontece, estranhamente podemos dizer que estamos diante de um caminho profético. As águas se movem.

### **Jesus e as duas síndromes**

Jesus supera as duas síndromes “pegando” os pães considerados poucos e, por consequência, irrelevantes. Jesus abre a porta para aquele espaço profético e de fé que nos é pedido habitar. Diante da multidão, não podemos nos contentar em fazer leituras e interpretações autorreferenciais. Seguir Jesus implica ir além do raciocínio humano. Somos chamados a olhar os desafios com seus olhos. Quando Jesus nos chama, não pede soluções, mas a doação de todo nós mesmos, com o que somos e o que temos. No entanto, o risco é que, diante do seu chamado, permaneçamos presos, conseqüentemente escravos, do nosso pensamento e ávidos pelo que acreditamos possuir.

Só na generosidade fundada no abandono à sua Palavra chegamos a colher a abundância da ação providencial de Jesus. “Eles, então, os recolheram e encheram doze cestos com os pedaços que

sobraram dos que tinham comido daqueles cinco pães de cevada” (v.13): o pequeno dom do menino frutifica de maneira surpreendente somente porque as duas síndromes não tiveram a última palavra.

O Papa Bento comenta assim esse gesto do menino: “Na cena da multiplicação, é também destacada a presença de um menino que, diante da dificuldade de alimentar tanta gente, compartilha o pouco que tem: cinco pães e dois peixes. O milagre não surge do nada, mas de uma primeira modesta partilha do que um simples menino tinha consigo. Jesus não nos pede o que não temos, mas nos mostra que, se cada um oferece o pouco que tem, o milagre pode sempre se realizar novamente: Deus é capaz de multiplicar nosso pequeno gesto de amor e nos tornar participantes do seu dom” (Ângelus, 29 de julho de 2012).

Diante dos desafios pastorais que temos, diante de tanta sede e fome de espiritualidade que os jovens expressam, tentemos não ter medo, não ficar presos às nossas coisas, aos nossos modos de pensar. Ofereçamos a Ele o pouco que temos, confiemos na luz da sua Palavra e que esta, e somente esta, seja o critério permanente das nossas escolhas e a luz que guia nossas ações.

*Foto: Milagre evangélico da multiplicação dos pães e dos peixes, vitral da Abadia de Tewkesbury em Gloucestershire (Reino Unido), obra de 1888, realizada pela Hardman & Co*

---

## **Educar o coração humano com São Francisco de Sales**

*São Francisco de Sales coloca no centro da formação humana o coração, sede da vontade, do amor e da liberdade. Partindo da tradição bíblica e dialogando com a filosofia e a ciência de*

*seu tempo, o bispo de Genebra identifica na vontade a “faculdade mestra” capaz de governar as paixões e os sentidos, enquanto os afetos – especialmente o amor – alimentam seu dinamismo interior. A educação salesiana, portanto, visa transformar desejos, escolhas e resoluções num caminho de domínio de si mesmo, onde a doçura e a firmeza convergem para orientar a pessoa inteira para o bem.*

No centro e no ápice da pessoa humana, São Francisco de Sales coloca o coração, a ponto de dizer: «Quem conquista o coração do homem conquista todo o homem». Na antropologia salesiana, não se pode deixar de notar o uso abundante do termo e do conceito de *coração*. Isso surpreende ainda mais porque, entre os humanistas da época, impregnados de linguagens e pensamentos da antiguidade, não parece haver uma insistência particular nesse símbolo.

Por um lado, esse fenômeno pode ser explicado pelo uso comum e universal do substantivo *coração* para designar a interioridade da pessoa, especialmente em relação à sua sensibilidade. Por outro lado, Francisco de Sales deve muito à tradição bíblica, que considera o coração como sede das faculdades mais elevadas do homem, como o amor, a vontade e a inteligência.

A essas considerações talvez se possam acrescentar as pesquisas contemporâneas de anatomia relacionadas ao *coração* e à circulação do sangue. O que é importante para nós é esclarecer o significado que Francisco de Sales atribuía ao coração, partindo de sua visão da pessoa humana, cujo centro e ápice são a vontade, o amor e a liberdade.

### **A vontade, faculdade mestra**

Com as faculdades do espírito, como o intelecto e a memória, se permanece no âmbito do conhecer. Agora trata-se de adentrar no campo do agir. Como já haviam feito Santo Agostinho e alguns filósofos como Duns Scot, Francisco de Sales atribui o primeiro lugar à vontade, provavelmente sob a influência de seus mestres jesuítas. É a vontade que deve governar todas as «potências» da alma.

É significativo que o *Teótimo* comece com o capítulo intitulado: «Como, pela beleza da natureza humana, Deus deu à vontade o governo de todas as faculdades da alma». Citando Santo Tomás, Francisco de Sales afirma que o homem tem «pleno poder sobre todo tipo de acidentes e acontecimentos» e que «o homem sábio, ou seja, o homem que segue a razão, se tornará mestre absoluto dos astros». Com o intelecto e a memória, a vontade é «o terceiro soldado do nosso espírito e o mais forte de todos, porque nada pode sobrepujar o livre querer do homem; o próprio Deus que o criou não quer de forma alguma forçá-lo ou violentá-lo».

A vontade exerce, porém, sua autoridade de maneiras muito diferentes, e a obediência a ela devida é bastante variável. Assim, alguns de nossos membros, não impedidos de se mover, obedecem à vontade sem problema. Abrimos e fechamos a boca, movemos a língua, as mãos, os pés, os olhos ao nosso gosto e quanto queremos. A vontade exerce um poder sobre o funcionamento dos cinco sentidos, mas trata-se de um poder indireto: para não ver com os olhos, devo desviá-los ou fechá-los; para praticar a abstinência, devo ordenar às mãos que não levem comida à boca.

A vontade pode e deve dominar o apetite sensível com suas doze paixões. Embora ele tenda a se comportar como «um sujeito rebelde, sedicioso, inquieto», a vontade às vezes pode e deve dominá-lo, mesmo que isso custe uma longa luta. A vontade tem poder também sobre as faculdades superiores do espírito, a memória, o intelecto e a imaginação, porque é ela que decide aplicar o espírito a tal objeto e desviá-lo deste ou daquele pensamento; mas não pode regulá-los e fazê-los obedecer sem dificuldade, pois a imaginação tem a característica de ser extremamente «mutável e volúvel».

Mas como funciona a vontade? A resposta é relativamente fácil se nos referirmos ao modelo salesiano da meditação ou oração mental, com as três partes que a compõem: as «considerações», os «afetos» e as «resoluções». As primeiras consistem em refletir e meditar sobre um bem, uma verdade, um valor. Essa reflexão normalmente produz afetos, ou seja, grandes desejos

de adquirir e possuir esse bem ou valor, e esses afetos são capazes de «mover a vontade». Por fim, a vontade, uma vez «movidada», produz as «resoluções».

### **Os «afetos» que movem a vontade**

A vontade, sendo considerada por Francisco de Sales como um «apetite», é uma «faculdade afetiva». Mas é um apetite racional e não sensível ou sensual. O apetite produz movimentos, e enquanto os do apetite sensível são ordinariamente chamados de «paixões», os da vontade são chamados de «afetos», pois «pressionam» ou «movem» a vontade. O autor do *Teótimo* também chama os primeiros de «paixões do corpo» e os segundos de «afetos do coração». Subindo do âmbito sensível para o racional, as doze paixões da alma se transformam em afetos racionais.

Nos diferentes modelos de meditação propostos na *Introdução à vida devota*, o autor convida Filoteia, por meio de uma série de expressões vivas e significativas, a cultivar todas as formas de afetos voluntários: o *amor* do bem («voltar o próprio coração para», «afeiçoar-se», «abraçar», «apegar-se», «unir-se»); o *ódio* do mal («detestá-lo», «romper todo vínculo», «pisotear»); o *desejo* («aspirar», «implorar», «invocar», «suplicar»); a *fuga* («desprezar», «separar-se», «afastar-se», «remover», «abjurar»); a *esperança* («ora, pois! Ó meu coração!»); o *desespero* («oh! É grande a minha indignidade!»); a *alegria* («alegrar-se», «deleitar-se»); a *tristeza* («afligir-se», «confundir-se», «rebaixar-se», «humilhar-se»); a *ira* («recriminar», «expulsar», «arrancar»); o *medo* («tremar», «assustar a alma»); a *coragem* («encorajar», «fortalecer»); e finalmente o *triunfo* («exaltar», «glorificar»).

Os estoicos, negadores das paixões – mas erroneamente – admitiam, porém, a existência desses afetos racionais, que chamavam de «*eupatias*» ou paixões boas. Afirmavam «que o sábio não cobiçava, mas queria; que não sentia alegria, mas júbilo; que não estava sujeito ao medo, mas era previdente e cauteloso; por isso era movido apenas pela razão e segundo a

razão».

Reconhecer o papel dos afetos no processo decisório parece indispensável. É significativo que a meditação destinada a culminar nas resoluções lhes reserve um papel central. Em certos casos, explica o autor da *Filoteia*, pode-se quase dispensar as considerações ou abreviá-las, mas os afetos nunca devem faltar porque são eles que motivam as resoluções. Quando surge um afeto bom, escrevia, «deve-se deixá-lo livre e não tentar seguir o método que indiquei», pois as considerações servem apenas para excitar o afeto.

### **O amor, primeiro e principal «afeto»**

Para São Francisco de Sales, o amor aparece sempre em primeiro lugar tanto na lista das paixões quanto na dos afetos. O que é o amor? perguntava Jean-Pierre Camus ao amigo, o bispo de Genebra, que respondeu: «O amor é a primeira paixão do nosso apetite sensível e o primeiro afeto do apetite racional, que é a vontade; pois nossa vontade não é outra coisa senão o amor do bem, e o amor é querer o bem».

O amor governa os outros afetos e entra primeiro no coração: «A tristeza, o medo, a esperança, o ódio e os outros afetos da alma não entram no coração se o amor não os arrasta consigo». Na esteira de Santo Agostinho, para quem «viver é amar», o autor do *Teótimo* explica que os outros onze afetos que povoam o coração humano dependem do amor: «O amor é a vida do nosso coração [...]. Todos os nossos afetos seguem o nosso amor e, segundo ele, desejamos, nos deleitamos, esperamos e desesperamos, tememos, nos encorajamos, odiamos, fugimos, nos entristecemos, nos irritamos, nos sentimos triunfantes».

Curiosamente, a vontade tem antes de tudo uma dimensão passiva, enquanto o amor é a potência ativa que move e comove. A vontade não chega a decidir se não é movida por um estímulo predominante: o amor. Tomando o exemplo do ferro atraído pela ímã, deve-se dizer que a vontade é o ferro e o amor é o ímã.

Para ilustrar o dinamismo do amor, o autor do *Teótimo* também usa a imagem da árvore. Com precisão botânica, analisa as

«cinco partes principais» do amor, que é «como uma bela árvore, cuja raiz é a conveniência da vontade com o bem, a cepa é o contentamento, o tronco é a tensão, os ramos são as buscas, as tentativas e outros esforços, mas somente o fruto é a união e o gozo».

O amor se impõe à própria vontade. Tal é a força do amor que, para quem ama, nada é difícil, «para o amor nada é impossível». O amor é forte como a morte, repete Francisco de Sales com o *Cântico dos Cânticos*; ou melhor, o amor é mais forte que a morte. A bem ver, o homem vale apenas pelo amor, e todas as potências e faculdades humanas, especialmente a vontade, tendem a ele: «Deus quer o homem somente pela alma, e a alma somente pela vontade e a vontade somente pelo amor».

Para explicar seu pensamento, o autor do *Teótimo* recorre à imagem das relações entre homem e mulher, tal como eram codificadas e vividas em sua época. A jovem mulher entre os pretendentes que a cortejam pode escolher aquele que mais lhe agrada. Mas depois do casamento, perde a liberdade e, de dona, torna-se submetida à potestade do marido, permanecendo presa àquele que ela mesma escolheu. Assim a vontade, que tem a escolha do amor, depois de abraçar um, fica submissa a ele.

### **A luta da vontade pela liberdade interior**

Querer é escolher. Enquanto se é criança, ainda se é totalmente dependente e incapaz de escolher, mas ao crescer as coisas mudam rapidamente e as escolhas se impõem. As crianças não são nem boas nem más, porque não conseguem escolher entre o bem e o mal. Durante a infância, caminham como quem sai de uma cidade e por um tempo vai em linha reta; mas depois descobrem que o caminho se divide em duas direções; cabe a elas escolher a direita ou a esquerda, conforme desejarem, para ir aonde quiserem.

Normalmente, as escolhas são difíceis porque exigem que se renuncie a um bem em favor de outro. Geralmente, a escolha deve ser feita entre o que se sente e o que se quer, pois há uma grande diferença entre sentir e consentir. O jovem tentado por uma “mulher desregrada”, de quem fala São Jerônimo, tinha

a imaginação “extremamente ocupada por tal presença voluptuosa”, mas superou a prova com um puro ato da vontade superior. A vontade, sitiada por todos os lados e pressionada a dar seu consentimento, resistiu à paixão sensual.

A escolha também se impõe diante de outras paixões e afetos: “Pise com os pés suas sensações, desconfianças, medos, aversões” – aconselha Francisco de Sales a uma pessoa sob sua direção –, pedindo que ela se posicione do “lado da inspiração e da razão contra o lado do instinto e da aversão”. O amor usa a força da vontade para governar todas as faculdades e todas as paixões. Será um “amor armado” e esse amor armado submeterá nossas paixões. Essa vontade livre “reside na parte suprema e mais espiritual da alma” e “não depende de nada além de Deus e de si mesma; e quando todas as outras faculdades da alma estão perdidas e submetidas ao inimigo, só ela permanece dona de si para não consentir de forma alguma”.

Porém, a escolha não está apenas no objetivo a ser alcançado, mas também na intenção que preside a ação. É um aspecto ao qual Francisco de Sales é particularmente sensível, porque toca a qualidade do agir. De fato, o fim perseguido dá sentido à ação. Pode-se decidir realizar um ato por muitos motivos. Diferentemente dos animais, “o homem é tão senhor de suas ações humanas e racionais que as realiza todas por um fim”; pode até mudar o fim natural de uma ação, acrescentando-lhe um fim secundário, “como quando, além da intenção de socorrer o pobre a quem se destina a esmola, acrescenta a intenção de obrigar o indigente a fazer o mesmo”. Entre os pagãos, as intenções raramente eram desinteressadas, e em nós as intenções podem estar contaminadas “pelo orgulho, pela vaidade, pelo interesse temporal ou por algum outro motivo ruim”. Às vezes “fingimos querer ser os últimos e nos sentamos no fim da mesa, mas para passar com mais honra para a cabeceira”.

“Purifiquemos, portanto, Teótimo, enquanto pudermos, todas as nossas intenções”, pede o autor do *Tratado do amor de Deus*. A boa intenção “anima” as menores ações e os gestos simples do dia a dia. De fato, “atingimos a perfeição não fazendo muitas

coisas, mas fazendo-as com uma intenção pura e perfeita". Não se deve perder a coragem, porque "sempre se pode corrigir a própria intenção, purificá-la e melhorá-la".

### **O fruto da vontade são as "resoluções"**

Depois de destacar o caráter passivo da vontade, cuja primeira propriedade consiste em deixar-se atrair pelo bem apresentado pela razão, convém mostrar seu aspecto ativo. São Francisco de Sales atribui grande importância à distinção entre vontade afetiva e vontade efetiva, assim como entre amor afetivo e amor efetivo. O amor afetivo se assemelha ao amor de um pai pelo filho menor, "um pequenino gracioso ainda criança, muito gentil", enquanto o amor que demonstra ao filho maior, "homem já feito, bom e nobre soldado", é de outra espécie: "Este último é amado com um amor efetivo, enquanto o pequenino é amado com um amor afetivo".

Da mesma forma, falando da "constância da vontade", o bispo de Genebra afirma que não se pode contentar com uma "constância sensível"; é necessária uma constância "situada na parte superior do espírito e que seja efetiva". Chega o momento em que não se deve mais "especular com o raciocínio", mas "endurecer a vontade". "Nossa alma esteja triste ou alegre, submersa na doçura ou na amargura, em paz ou perturbada, luminosa ou sombria, tentada ou tranquila, cheia de prazer ou de desgosto, imersa na aridez ou na ternura, queimada pelo sol ou refrescada pelo orvalho", não importa, uma vontade forte não se deixa facilmente desviar de seus propósitos. "Permaneçamos firmes em nossos propósitos, inflexíveis em nossas resoluções", pede o autor da *Filoteia*. É a faculdade mestra da qual depende o valor da pessoa: "O mundo inteiro vale menos que uma alma e uma alma não vale nada sem nossos bons propósitos".

O substantivo "resolução" indica uma decisão que chega ao fim de um processo, que envolveu o raciocínio com sua capacidade de discernir e o coração, entendido como uma afetividade que se deixa mover por um bem atraente. Na "declaração autêntica" que o autor da *Introdução à vida devota* convida Filoteia a

pronunciar, lê-se: “Esta é a minha vontade, minha intenção e minha decisão, inviolável e irrevogável, vontade que confesso e confirmo sem reservas ou exceções”. Uma meditação que não se traduz em atos concretos não serviria para nada.

Nas dez *Meditações* propostas como modelo na primeira parte da *Filoteia*, encontramos expressões frequentes como estas: “quero”, “não quero mais”, “sim, seguirei as inspirações e os conselhos”, “farei todo o possível”, “quero fazer isto ou aquilo”, “farei este ou aquele esforço”, “farei esta ou aquela coisa”, “escolho”, “quero participar”, ou ainda “quero assumir o cuidado requerido”.

A vontade de Francisco de Sales frequentemente assume um aspecto passivo; aqui, porém, revela todo seu dinamismo extremamente ativo. Não é sem razão que se pôde falar do voluntarismo salesiano.

### **Francisco de Sales, educador do coração humano**

Francisco de Sales foi considerado um “admirável educador da vontade”. Dizer que foi um admirável educador do coração humano significa, mais ou menos, a mesma coisa, mas com a adição de uma nuance afetiva, característica da concepção salesiana do coração. Como vimos, ele não negligenciou nenhum componente do ser humano: o corpo com seus sentidos, a alma com suas paixões, o espírito com suas faculdades, em particular intelectuais. Mas o que mais lhe importa é o coração humano, sobre o qual escrevia a uma de suas correspondentes: “É necessário, portanto, cultivar com grande cuidado este coração amado e não poupar nada do que possa ser útil à sua felicidade”.

Agora, o coração do homem é “inquieto”, segundo o dito de Santo Agostinho, porque está cheio de desejos insaciados. Parece que nunca tem “repouso nem tranquilidade”. Francisco de Sales propõe então uma educação também dos desejos. A. Ravier também falou de um “discernimento ou de uma política do desejo”. De fato, o principal inimigo da vontade “é a quantidade de desejos que temos desta ou daquela coisa. Em resumo, nossa vontade está tão cheia de pretensões e projetos

que muitas vezes não faz outra coisa senão perder tempo considerando-os um a um ou todos juntos, em vez de se empenhar para realizar um mais útil”.

Um bom pedagogo sabe que, para conduzir seu aluno ao objetivo proposto, seja ele o saber ou a virtude, é imprescindível apresentar-lhe um projeto que mobilize suas energias. Francisco de Sales revela-se um mestre na arte de motivar, como ensina à sua “filha”, Joana de Chantal, uma de suas máximas preferidas: “É preciso fazer tudo por amor e nada por força”. No *Teótimo* afirma que “a alegria abre o coração como a tristeza o fecha”. O amor, de fato, é a vida do coração.

No entanto, a força não deve faltar. Ao jovem que estava prestes a “zarpar no vasto mar do mundo”, o bispo de Genebra aconselhava “um coração vigoroso” e “um coração nobre”, capaz de governar os desejos. Francisco de Sales quer um coração doce e pacífico, puro, indiferente, um “coração despido de afetos” incompatíveis com a vocação, um coração “reto”, “tranquilo e sem qualquer constrangimento”. Não gosta da “ternura de coração” que se reduz à busca de si mesmo, e exige, em vez disso, a “firmeza de coração” na ação. “A um coração valente nada é impossível” – escreve a uma senhora –, para encorajá-la a não abandonar “o curso das santas resoluções”. Quer um “coração viril” e ao mesmo tempo um coração “dócil, maleável e submisso, rendido a tudo o que é permitido e pronto para assumir todo compromisso por obediência e caridade”; um “coração doce para com o próximo e humilde diante de Deus”, “nobremente orgulhoso” e “perenemente humilde”, “doce e pacífico”.

No fim das contas, a educação da vontade visa ao pleno autodomínio, que Francisco de Sales expressa por meio de uma imagem: tomar o coração nas mãos, possuir o coração ou a alma. “A grande alegria do homem, Filoteia, é possuir a própria alma; e quanto mais a paciência se torna perfeita, mais perfeitamente possuímos nossa alma”. Isso não significa insensibilidade, ausência de paixões ou afetos, mas uma tensão para o domínio de si mesmo. Trata-se de um caminho dirigido à autonomia de si, garantida pela supremacia da vontade, livre e

racional, mas de uma autonomia governada pelo amor soberano.

*Foto: Retrato de São Francisco de Sales na Basílica do Sagrado Coração de Jesus em Roma. Obra em tela realizada pelo pintor romano Attilio Palombi e oferecida como presente pelo cardeal Lucido Maria Parocchi.*